



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

KALINKA DE ROMA SOUZA FARIAS

**CORPOS E INFÂNCIAS:
traços de uma memória individual e coletiva no percurso de uma formação docente**

**Itabaiana
2019**

KALINKA DE ROMA SOUZA FARIAS

CORPOS E INFÂNCIAS:

traços de uma memória individual e coletiva no percurso de uma formação docente

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, do Departamento de Educação do Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Roselusia Teresa de Moraes Oliveira

Itabaiana
2019

KALINKA DE ROMA SOUZA FARIAS

CORPOS E INFÂNCIAS:

traços de uma memória individual e coletiva no percurso de uma formação docente

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, do Departamento de Educação do Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dr. Roselusia Teresa de Moraes Oliveira

Aprovada em: 09 de setembro de 2019.

BANCA ORIENTADORA

Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira
Universidade Federal de Sergipe

Profa. Dra. Michele de Freitas Faria de Vasconcelos
Universidade Federal de Sergipe

Profa. Dra. Andrisa Kemel Zanella
Universidade federal de Pelotas-RS

Itabaiana
2019

À criança sonhadora que um dia fui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela força me dada até aqui.

Ao meu esposo Levi, pela paciência, força e incentivo durante toda minha vida acadêmica e em especial na construção desta pesquisa. Por me incentivar e acreditar em mim mesmo quando a insegurança tentava me dominar. Obrigada, por ter orgulho de mim e por me fazer acreditar que sou capaz.

Aos meus pais José Osvaldo e Maria José, pela educação que me deram.

À minha irmã Talita e ao meu cunhado Lucas, por todo apoio na construção desta pesquisa.

Às minhas amigas, Amanda Moraes, Bárbara, Patrícia, Tatiane, Jéssica Anjos, Marcela e Maysa por dividirem comigo as emoções desta monografia.

À minha amiga e parceira de pesquisa, Cíntia Gomes, pelo companheirismo, apoio, paciência e empolgação desde o rascunho deste trabalho.

À minha orientadora Profa. Dra. Roselusia Teresa de Moraes Oliveira, pela serenidade que conduzia as orientações, e por todo o carinho transmitido desde o terceiro período.

À minha professora da 4ª série do ensino fundamental Fátima, por ter marcado positivamente a minha vida escolar.

À minha professora da 5ª a 8ª série do ensino fundamental Cristina, por ser uma inspiração para mim.

À Profa. Dra. Michele Vasconcelos por despertar em mim o desejo de trabalhar com o corpo.

A todos vocês, muito obrigada. Tenho sorte por a vida ter me apresentado a pessoas como vocês.

“Se você passa pela vida sem conectar-se às pessoas,
o quanto você pode chamar isso de vida?”

RESUMO

A compreensão de infância, da memória e do corpo como maneira de expressar-se é de suma importância para formação docente, pois a partir desta compreensão os futuros professores poderão trabalhar sob a visão de tais temas para o desenvolvimento de suas aulas. A presente pesquisa objetivou analisar as narrativas sobre o corpo, a memória e a infância das (os) discentes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe em Itabaiana, através da Oficina “Corpo e Memória: Suas Manifestações na Formação Docente”. A pesquisa fundamentou-se em Kohan (2005), para discutir acerca de infância, Zanella (2013), para abordar o corpo e Halbwachs (2003) para compreender memória e memória coletiva. A metodologia desta pesquisa é de cunho qualitativo, explicativo, bibliográfico e experimental. A coleta de dados foi realizada à luz das narrativas gravadas durante a oficina, bem como a partir das produções feitas pelas discentes. A presente pesquisa possibilitou observar e compreender que os discentes expressam marcas das suas infâncias por meio dos seus corpos, e uma formação docente voltada para um olhar sensível que amplie as potencialidades do corpo pode reverberar na construção de um sujeito em processo de liberdade.

Palavras-chave: Infância. Memória. Corpo. Formação de professores.

RESUME

The comprehension of childhood, memory and body as a way of expressing oneself is extremely important for teacher education, because from this understanding future teachers will be able to work under the vision of such themes for the development of their classes. This research aimed to analyze the narratives about the body, memory and childhood of the students of the Pedagogy course at the Federal University of Sergipe in Itabaiana, through the Workshop “Body and Memory: Their Manifestations in Teacher Education”. The research was based on Kohan (2005), to discuss about childhood, Zanella (2013), to approach the body and Halbwachs (2003) to understand memory and collective memory. The methodology of this research is qualitative, explanatory, bibliographical and experimental. Data collection was performed in the light of the narratives recorded during the workshop, as well as from the productions made by the students. This research made it possible to observe and understand that students express marks of their childhood through their bodies, and a teacher education focused on a sensitive look that expands the potentialities of the body may reverberate in the construction of a subject in the process of freedom.

Keywords: Childhood. Memory. Body. Teacher training.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Caracterização das discentes	24
Tabela 2 – Desenhos animados	33
Tabela 3 – Produções das discentes	37

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	UM OLHAR SOBRE A INFÂNCIA.....	13
3	CONSTRUINDO NOSSAS MEMÓRIAS.....	16
4	O CORPO: TRAJETO DE CADA SER HUMANO, IDENTIDADE E HISTÓRIA	18
5	DISCENTES EM FORMAÇÃO: CARACTERIZAÇÃO DO <i>LOCÚS</i> E DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	22
6	OFICINA “CORPO E MEMÓRIA: SUAS MANIFESTAÇÕES NA FORMAÇÃO DOCENTE”	27
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
	Referências	56
	Apêndices	57
	Anexos	60

INTRODUÇÃO

“A jornada de mil quilômetros começa com o primeiro passo.”

(Filme O Rei Leão, 1994).

A infância é a primeira fase da vida do ser humano, que vai do nascimento até os doze anos. Por ser uma fase de descobertas e experimentações, tende a marcar nossa vida tanto de forma positiva, quanto negativa. Suas marcas refletem em quem nos tornamos e em nossas reações diante dos desafios da vida adulta.

Sendo o período de maiores possibilidades, em que tudo sempre é novo e possível, a infância é considerada a fase do “faz de conta” (Kohan, 2005). Na imaginação infantil moram infinitas possibilidades e criatividades, inúmeras vezes ignoradas por nós quando nos tornamos adultos. Assim, costumamos considerar erroneamente o começo de nossas vidas quando saímos da infância, quando passamos a ter ciência. No entanto, apesar de ser a fase inicial da vida do ser humano, a infância tem sua própria marca, sendo esta de grande importância para o desenvolvimento do sujeito.

Uma das representações possíveis de uma infância é aquela que, sem pressão dos olhares alheios, a criança tem a liberdade de expressar sua corporeidade, experimentando novas sensações, construindo o seu “eu” de acordo com o contato com o outro. Tocando e se deixando tocar pelo aprendizado do outro, se conectando assim ao mundo a sua volta.

A partir da relação entre um corpo e outro no âmbito social é que passamos e recebemos valores, envolvendo os sujeitos, tornando-os comunicativos e inseridos no meio social. Desta forma, o corpo se torna o mediador na relação interior com o exterior e pessoal com o social.

O corpo está inserido na ligação e construção social, expressando, vivendo, criando novas experiências a partir das situações vividas. Nossas expressões corporais, nossas decisões, o que escolhemos é resultado da vida que vivemos, das pessoas que passaram por nós e das memórias que estão inscritas em nossos corpos.

A partir da relação entre o corpo interior e o exterior, compartilhamos experiências e saberes, desenvolvemos nossa socialização e falamos através das expressões o que estamos sentindo. Assim, o corpo é a concentração de quem somos e a base de nossa formação pessoal e social.

As memórias construídas no corpo se manifestam também quando socializamos com o outro, pois no instante que compartilhamos nossas memórias, estamos também construindo

novas. E essa construção se dá através de relatos e/ou experimentações, da confiança de se expressar com outro.

O que nós vivemos direto ou indiretamente reflete em quem nós somos em nossas ações e postura diante do que a nós é exigido. A construção de nossa memória se dá de acordo as pessoas a nossa volta, e apesar de termos memórias que consideramos ser só nossas, as construímos de acordo com a memória do outro. A forma que enxergamos o mundo é a junção das nossas vivências e dos relatos de vivência do outro.

Os desenhos da infância ou até as músicas que costumamos cantar são criações de outros e certamente possuem interferência de suas memórias. Sentimos o mundo de acordo com o olhar do outro, bem como os outros enxergam o mundo sob influência de nosso olhar, construindo assim nossas memórias individuais e coletivas.

O caminho percorrido até a presente pesquisa teve início ainda no 3º período do curso de Pedagogia, onde tive o primeiro contato com o tema corporeidade, abordado na disciplina de Psicologia e Desenvolvimento da Aprendizagem II. A partir de então decidi que pesquisaria acerca do corpo e a aprendizagem do aluno. Mais tarde já no 9º período tive um novo contato com o tema através da disciplina Corporeidade, o que aguçou ainda mais meu desejo em pesquisar o corpo.

Assim, nos períodos sucessivos ao terceiro, meu interesse em estudar a corporeidade foi ganhando forma até a construção da presente pesquisa. Por algum tempo o corpo foi definido por mim como minha principal linha de pesquisa, porém ao expressar meu desejo à minha orientadora, me foi apresentado à memória do corpo como um novo norte para minha pesquisa. Já de início, pensar em nosso corpo como a representação de nossas memórias despertou em mim curiosidade e empolgação.

Procurei então me aprofundar nos temas corpo e memória, através de publicações científicas, entre elas artigo, teses e monografias, tornando assim o presente trabalho em uma pesquisa bibliográfica. Trata-se ainda de uma pesquisa qualitativa já que foi feita com base em observações e relatos. Fez-se necessário também a aplicação da oficina “Corpo e Memória: Suas Manifestações na Formação Docente”, assim a pesquisa torna-se também explicativa, pois dentro de sua elaboração se fez necessário explicar o ambiente, bem como seus integrantes. A presente pesquisa também apresenta cunho experimental visto que para a construção da mesma houve a necessidade de realizar experimentações com os discentes envolvidos.

A oficina “Corpo e Memória: Suas Manifestações na Formação Docente” foi realizada em parceria com a discente Cíntia Gomes do Nascimento¹, sob orientação da Profa. Dra. Roselusia Teresa de Moraes Oliveira e teve como participantes de 43 discentes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe do Campus Professor Alberto Carvalho, na cidade de Itabaiana.

Como foi dito anteriormente, meu interesse inicial estava voltado ao corpo e mais tarde também à memória, porém com a realização da oficina “Corpo e Memória: Suas Manifestações na Formação Docente” mais um objeto de estudo ganhou destaque junto aos demais: as memórias coletivas da infância. Observei que além das manifestações corporais, os participantes da oficina apresentaram relatos semelhantes de suas infâncias, mesmo o primeiro contato entre eles tendo acontecido na universidade.

Assim sendo, apresentou-se a seguinte questão norteadora desta pesquisa: como as memórias coletivas da infância inseridas no corpo dos discentes interferem na formação do sujeito no mundo? Entende-se o quanto nosso corpo é moldado no decorrer de nossas vidas e como nossa memória tem participação em nossa formação pessoal, o que torna ambos igualmente expressivos.

Partindo desse pressuposto, o presente trabalho tem como objetivo geral: Analisar as narrativas sobre o corpo, memória e infância das (os) discentes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe em Itabaiana. Além disso, o trabalho buscou despertar as memórias coletivas das (os) discentes; analisar as ações do corpo recorrente as memórias despertadas da infância e explorar o elo entre infância, corpo e memória dos estudantes.

Os conceitos abordados nesta pesquisa bem como a fundamentação teórica basearam-se em Kohan (2005), para abordar acerca de infância, Zanella (2013), para compreender corpo e Halbwachs (2003) para apresentar de memória e memória coletiva. A presente pesquisa se caracteriza por um estudo qualitativo, explicativo, bibliográfico e experimental. Portanto, nas seções sucessivas desta pesquisa são abordados os seguintes itens: na primeira seção serão conceituados em três subseções a infância, memória e corpo.

Na segunda seção, é descrita a análise de dados e em subseção a caracterização do *locus* e dos sujeitos de pesquisa. Na terceira seção são descritos os acontecimentos dos dias 27 de maio e 03 de junho de 2019 em que ocorreu a Oficina “Corpo e Memória: Suas Manifestações na Formação Docente”, os ambientes usados e os participantes da oficina, bem

¹ Cíntia do Nascimento Gomes é discente do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe e também realiza pesquisa na área. A presente pesquisa, bem como a construção e execução da Oficina “Corpo e Memória: Suas Manifestações na Formação Docente” foram realizadas em parceria com a mesma.

como os recursos metodológicos utilizados para a coleta de dados. Por fim, encerro esta escrita com as considerações finais acerca do presente trabalho e de suas realizações.

2 – UM OLHAR SOBRE A INFÂNCIA

“Há no mundo novo, criação, transformação porque há a infância, porque é possível frutificar o acontecimento que leva consigo cada nascimento.”

(Kohan, 2003, p. 47)

A infância é um dos principais períodos de desenvolvimento do ser humano. É durante a infância que a criança vive sua inocência. Nela surgem também as primeiras experiências e descobertas, bem como o aguçamento de sua curiosidade. Os eventos ocorridos na infância perpetuam ao longo de toda vida, interferindo na vida adulta de todo sujeito, contribuindo para quem ele se tornará no futuro.

Apesar de ser a fase inicial da vida humana, a infância tem sua marca e nossas primeiras experimentações nos acompanham até a vida adulta, ecoando em como lidamos com as lembranças e como elas nos afetam. Mesmo com o surgimento de uma nova fase na vida do ser humano, as vivências da fase anterior não são apagadas. A infância nos acompanha mesmo quando já estamos na fase adulta. A criança que fomos está presente em cada uma de nossas decisões, interferindo em nossas ações de maneira única em cada sujeito.

O surgimento da palavra infância, inicialmente, esteve vinculado à insuficiência, à falta de clareza. Em seu princípio, a fala do sujeito infantil não era vista como valiosa, seus depoimentos não eram considerados substanciais. A infância, fase de conhecimentos, por sua falta de experiência estava associada à incapacidade.

Segundo Ariès (1986. p. 50) “Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para infância nesse mundo.” Os estudos mencionados sinalizam que durante muito tempo a infância não foi reconhecida como uma fase da vida do ser humano, sendo a criança vista como uma miniatura do sujeito adulto. No entanto, embora hoje haja uma atenção para a criança, é notório que ainda não há espaço para ser criança no mundo.

As crianças se distinguiam do adulto apenas por sua dependência, necessitando de seu auxílio apenas em seus primeiros anos de vida. Deste modo, as crianças eram consideradas inferiores aos adultos por ainda não terem domínio completo de si, e como os estágios da vida

humana eram pouco ou nada separados elas eram facilmente associadas a um adulto sem autonomia, incapaz de opinar, não sendo digno de importância.

Na antiguidade, o conceito de infância somente surgiu a partir da percepção de que enquanto o sujeito fosse criança podia-se moldá-la para o futuro. Assim, o interesse pela infância não estava ligado à valorização da criança, mas visava-se discipliná-la para o modelo ideal de adulto. As crianças eram consideradas participantes de uma fase da vida em que deviam ser preparadas para um mundo mais satisfatório, sendo, para ela, planejado o modelo do bom cidadão. Assim, “Uma criança é, antes que qualquer coisa, um membro potencial da *pólis*, a possibilidade de um futuro cidadão [...] ela é o material das utopias, dos sonhos políticos dos filósofos e dos educadores.” (KOHAN, 2003, p. 44-45).

Via-se ainda a criança pela ausência da linguagem. Ao iniciar a fala, a criança era automaticamente inserida no mundo adulto, não havendo distinções das tarefas e das responsabilidades. Aqui a infância não recebia nenhum tipo de atenção e como não era considerada uma fase diferente da fase adulta, a infância não se tornava uma lembrança.

De forma lenta e processual, a infância passou a receber diferentes olhares. As características peculiares da fase adulta e infantil começaram a ganhar destaque. Consequentemente, a criança chamou a atenção para onde se encaixaria agora que fora separada do mundo adulto. Sendo então iniciados meios para melhor atender e compreender a(s) infância(s) em seus mais diferentes contextos.

Sendo a conscientização da infância ainda recente e lenta, não se compreendia como o período de descobertas e liberdade, por isso era comum os castigos e o controle dos corpos infantis, procurando sempre moldá-los através da crença de que o uso de castigos físicos faziam-se necessários para a criança aprender.

Todo o processo sofrido pela criança para enfim chegar ao reconhecimento da infância é parte fundamental para a construção do tratamento da infância nos dias atuais, recebendo ela cada vez mais atenção e profissionais prontos para atendê-las: pedagogos, psicopedagogos, pediatras, entre outros.

Mas atualmente, apesar dos olhares interessados e da preocupação pela infância, o fato das crianças estarem cada vez mais expostas ao mundo preocupa aqueles que acreditam que talvez a infância esteja “se perdendo” devido às tecnologias. O rompimento da fase infantil e da adulta favoreceu o olhar para a criança, pois esta recebeu maior atenção e reconhecimento. Porém, hoje o rompimento dos muros que as separam causa preocupação quanto à dissipação da infância, pois não se sabe o que acontece após.

A construção da infância passou por diversas fases e por isso há receio com o que vem depois das mudanças por ela sofrida nos dias atuais. Não há como voltar a vermos as crianças como adultos em miniatura, e tampouco limitar seu acesso ao conhecimento, pois o mundo atual está impossível de ser escondido. Retomando o que foi dito inicialmente, a criança passa a ter seu contato com o mundo a partir da infância, e é através do corpo que ela se comunica com o mundo exterior, expressando seus desejos, sendo então nele fixadas memórias que a criança levará em todo o decorrer de sua vida.

O estudo acima descrito fez-se necessário devido ao entendimento de que a infância como primeira fase da vida do ser humano, continua manifestando-se em todo o decorrer da vida adulta, modelando o sujeito que nos tornamos e contribuindo de forma significativa para nossa formação pessoal e/ou social.

As marcas deixadas na infância se manifestam na composição que nos forma ao longo de nossas vidas. Assim, o olhar sobre as primeiras concepções de infância torna-se indispensável para a discussão apresentada no presente trabalho, sua abordagem faz-se necessária para a melhor compreensão acerca dos resultados aqui expostos.

3. CONSTRUINDO NOSSAS MEMÓRIAS

“[as memórias] são um registro do vivido que assegura ao ser humano, não apenas a consciência da sua existência, mas, acima de tudo, representa a possibilidade de regressar e (re) criar os momentos que foram fundantes em uma vida.”

Zanella (2013, p. 55)

A formação de nossa memória se dá através do contato com os demais sujeitos, na construção das lembranças pessoais e coletivas. Assim nossas memórias são formadas durante todo o decorrer de nossa vida, cada pessoa que passa por nós ou cada lugar que visitamos deixa em nós marcas que nos acompanharão na construção de nossa memória.

Portanto, introduzo esta seção com dois questionamentos ampliados para a formulação desta escrita: a) As memórias que construímos são unicamente nossas ou nelas contém traços das pessoas com a qual vivenciamos ao longo da nossa vida? b) E como sabemos a medida da memória individual e/ou coletiva?

Particularmente, nunca pensei em como construímos nossa memória de acordo o olhar do outro, até o momento desta pesquisa acreditava que a memória de cada sujeito era única no sentido de que a formação de cada memória se dava a partir do seu olhar sobre o momento.

Não imaginava eu que o relato do outro muda a nossa percepção mesmo antes de termos contato direto com o que nos foi relatado. Para Zanella (2019) “[...] a formação das memórias do indivíduo está associada a experiências não vividas diretamente, mas transmitidas de geração para geração através do grupo familiar e social que integra. Isto é, uma memória decorrente de um processo grupal/coletivo.” (p. 57). Deste modo, se nossa memória é resultado das experiências que não foram vividas diretamente por nós, podemos aqui já responder à pergunta que deu início a essa seção: nossas memórias não são unicamente nossas, parte delas são construídas de acordo o meio a qual vivemos e os relatos os quais ouvimos. Portanto, as pessoas a nossa volta também são responsáveis pela construção de nossas memórias, e o mesmo acontece a nós em relação às memórias do outro.

Assim, segundo Halbwachs (2003),

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distinto de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (p. 30).

Porém não se pode afirmar que todas as nossas memórias foram construídas com base nas memórias dos demais, pois assim, poderíamos dizer de forma equivocada que as memórias que somente nós recordamos são nossa própria invenção ou que só construímos novas memórias se antes ouvirmos relatos de outros sujeitos.

Construímos nossas próprias memórias através das sensações que vivenciamos ao ter contato com o acontecimento, se algo nos marca durante uma visita a uma nova cidade ou ao assistirmos um novo filme, nossa memória será construída com base ao sentimento que nos ocorreu naquele momento, respondendo assim a segunda pergunta que ocorreu anteriormente.

As memórias passam a ser assim inscritas em nós de acordo com o que ocorre em nossa volta e a nós. Segundo Zanella (2013), “[...] o ser humano, no decurso de sua existência, vivencia uma infinidade de acontecimentos que poderão ficar registrados nos estratos mais profundos de si.” (p. 14). Então, nossas memórias estão presentes em nós mesmo quando não notamos suas manifestações.

A memória armazenada em nós, em nossos corpos, se manifesta através das sensações que nos ocorre quando um cheiro lembra um momento, uma música lembra nossa infância, enfim, quando se repete mesmo depois de muito tempo, às vezes em momentos inoportunos algo que já não faz mais parte de nossa rotina.

Essa aparição se faz necessária para nos fazer lembrar quem somos, pois ao ativarmos uma memória temos a sensação de está revivendo o momento o qual estamos lembrando. Segundo Halbwachs (2003), “Esquecer um período da vida é perder o contato com os que então nos rodeavam.” (p. 37). Nossas memórias nos conectam ao nosso passado e às pessoas com as quais convivemos.

A conexão que temos com o mundo é formada em parte pelas memórias que são construídas de acordo com meio em que estamos inseridos e das pessoas com quem convivemos. Juntamente com nossa memória, nosso corpo também vai se adaptando aos costumes de cada sociedade. Assim, para Zanella (2013) todos os acontecimentos e adaptações do ser humano “[...] vai sendo inscrito, no decorrer dos tempos, na memória do corpo de cada pessoa, influenciando a maneira de ser e está no mundo.” (p. 36). Sendo assim, as memórias construídas em nossos corpos interferem na relação que temos com o mundo, em nosso comportamento e em nossas (re) ações frente aos eventuais acontecimentos ocorridos em nossa vida.

A discussão acerca da construção da memória fez-se necessária visto que suas manifestações se tornaram constantes no desenvolvimento do presente trabalho. A memória foi objeto de suma importância para o desdobramento das propostas aqui apresentadas, sendo em diversos momentos expostas tanto sob influência quanto espontaneamente pelos sujeitos aqui pesquisados.

A abordagem sobre as memórias coletivas justifica-se pela aparição constante nas discussões posteriormente apresentadas, visto que suas manifestações evidenciaram-se diversas vezes através das falas, comportamentos e materiais produzidos pelos sujeitos desta pesquisa.

4. O CORPO: TRAJETO DE CADA SER HUMANO, IDENTIDADE E HISTÓRIA

“[...] podemos pensar no corpo do ser humano como uma memória viva do trajeto que ele percorreu no decurso de sua vida, repercutindo na forma dele interagir no e com o mundo.”

(Zanella, 2013, p. 46)

O corpo é o primeiro meio pelo qual interagimos com o mundo, estando ele presente em nossas primeiras explorações e experiências. Por seu intermédio nos comunicamos com o

outro, demonstramos interesse e descobrimos emoções. Tornamo-nos parte do mundo, nos relacionando direto e indiretamente, afetando e sendo afetado pelo outro.

A construção de quem somos e as experimentações que vivenciamos ao longo de nossas vidas se dá através do corpo, do contato com o mundo exterior, da socialização e do crescimento emocional. Tornando este um participante ativo em nossa formação pessoal e social.

Os impactos que sofremos no decorrer de nossas vidas são parte da nossa formação como sujeito, tornando nosso corpo receptor de experiências e bagagens social. Para Zanella (2013) “[...] a representação de corpo se constrói na relação das diferentes interações que o ser humano tem ao longo da vida em formação [...]” (p. 44). Somos o resultado de como fomos tocados durante nossa vida, do que vivemos e de como interagimos com os acontecimentos a nossa volta.

A forma como nosso corpo é constituído reafirma a ideia da importância de nossa socialização e como esta contribui para a construção do “eu”. Durante a história, o corpo foi entendido de diferentes formas, visto por olhares distintos e interesses diferentes a cada tempo.

Para entendermos o corpo hoje, faz-se necessário apresentar brevemente sua caminhada. Em sua trajetória, o corpo experimentou diversas exigências e mudanças, adaptando-se às diferentes imposições lhes apresentado. Iniciaremos sua trajetória pela Grécia antiga, onde estes eram vistos como forma de vangloriar-se por sua beleza, saúde e força física (Barbosa, Matos e Costa, 2011, p. 26). Recebendo incentivos desde cedo, os gregos deveriam preparar seus corpos para a exposição e admiração. Porém todo esse esforço não se resumia apenas a beleza física, a preparação dos corpos demonstrava também serem dignos da benção os deuses. Os gregos eram também conhecidos por sua capacidade intelectual, sendo esta tão importante quanto à estética. O cuidado com o corpo, além do objetivo de agradar aos deuses, era também uma forma de estarem inseridos na sociedade.

A figura de cidadão perfeito, idealizada pelos gregos deveria ser alcançada, unindo capacidade física e conhecimento. Destaca-se que os prazeres e a liberdade corporal se aplicavam apenas “[...] para os homens livres, estando excluídos tanto os escravos quanto as mulheres.” (BARBOSA, MATOS e COSTA, 2011). Na trajetória de concepções acerca do corpo, ao longo da história da humanidade, considero de suma importância abordar acerca de como se dá seu tratamento no cristianismo. Diferente de toda exposição corporal abordada anteriormente, no cristianismo o corpo é visto como um tabu, um caminho para o pecado, sendo necessária a separação entre espírito e carne. Sendo o corpo considerado pelo

cristianismo o símbolo do pecado, devendo manter-se coberto e contido a fim de evitar ceder às paixões (Barbosa, Matos e Costa 2011, p. 26), evidencia-se que a complicada relação de ambos se dá devido ao fato do corpo ser considerado um obstáculo para o espírito obter a salvação e a vida eterna.

Nesta perspectiva, o domínio por parte do cristianismo fez a Idade Média seguir sob sua influencia, mantendo a religião como dominadora do comportamento humano, pregando o prevalecimento da alma sobre corpo. Sendo aqui o corpo da contido, pouco cuidado e sujeito a punição visando à purificação da alma. A Idade Média chama a atenção quanto à perseguição aos corpos femininos, pois estes eram vistos como o caminho mais viável para o pecado alcançar os homens. Baseado nos fundamentos teóricos apresentados, as mulheres consideradas bruxas eram caçadas, torturadas, humilhadas e queimadas vivas em público como forma de aviso e punição. O destaque do corpo aqui se deve o fato de que durante a perseguição contra as mulheres consideradas bruxas era comum buscar por sinais em seus corpos como prova de sua ligação com o mal.

Ainda fundamentado em Barbosa, Matos e Costa (2011), na era moderna o corpo passa a ser questionado quanto a sua liberdade, visto como objeto de estudo e posteriormente voltando a ser destaque em sua forma física e preocupação com a saúde. Aqui o corpo tende a ser visto como distinto da alma, sendo mais uma vez considerado inferior à mesma. Na produção capitalista o corpo passou a ser disciplinado e padronizado para a produção, tornando os gestos e comportamentos corporais semelhantes uns aos outros. O corpo chega aos dias atuais sendo tratado e valorizado pela beleza física. Não causando estranheza o aumento de salões, clínicas de estética e demais locais que prometem o alcance do corpo perfeito. Desta forma, nota-se que a busca pela perfeição gera o afastamento social por medo de rejeição, tornando comum a comparação dos corpos. Não sendo espantosa sua reclusão quando se exige mais participação e interação corporal, rigidez quando é necessário interação e resistência quando se pede posicionamento e exposição em grupo.

Fez-se necessário seguir os passos do corpo para compreender que ele é o reflexo da construção ao longo do tempo, das expectativas e exigências do mundo. Pois, segundo Zanella (2013),

[...] nossos gestos são construídos a partir das vivências no meio (social, cultural e histórico) no qual estamos inseridos, bem como pelo movimento subjetivo da relação do homem com e no mundo, a partir do pensamento simbólico. Cabe ressaltar que o ser humano também traz vestígios de gestos passados, seja do seu trajeto pessoal, seja do trajeto do *antrophos*. ²(p. 60).

² *Antrophos* é uma palavra grega que significa: ser humano ou algo relativo ao homem.

Entende-se assim, o corpo como a ponte pela qual se passa cada cultura, costume e crença. Nele estão inseridos os acontecimentos vivenciados por cada indivíduo que reage de maneira única a cada um desses acontecimentos. No corpo está fixado o trajeto de cada ser humano, revelando sua identidade e história, interferindo na construção pessoal e social de cada indivíduo.

Para Zanella (2013), “[...] a forma como o corpo é abordado, seja na vida cotidiana ou num espaço determinado, tem relação direta com as escrituras que vão sendo inscritas nos corpos dos sujeitos.” (p. 44). O corpo vai além da singularidade de cada um, ele está ligado aos demais acontecimentos a sua volta. Sua construção se deve à ligação social com os demais elementos que o cerca sendo assim, uma escritura única de cada indivíduo, uma memória construída a cada episódio ocorrido na sua vida.

A discussão acima apresentada fez-se necessária tendo em vista que o corpo foi o primeiro interesse para a construção da presente pesquisa, toda a composição deste trabalho partiu do desejo principiante em olhar o corpo como a manifestação do sujeito que somos. Assim, o trajeto do corpo ao longo da história tornou-se indispensável para a descrição dos acontecimentos aqui apresentados.

Sendo também a narrativa referente ao corpo acima exibida fundamental para as descrições posteriores desta pesquisa. A partir das reações corporais manifestadas pelos sujeitos aqui apresentados, torna-se fundamental a discussão acerca do corpo e sua história, bem como de suas manifestações e representações ao longo do tempo.

5. DISCENTES EM FORMAÇÃO: CARACTERIZAÇÃO DO *LOCÚS* E DOS SUJEITOS DA PESQUISA

A natureza de dados desta pesquisa é de abordagem qualitativa. Godoy (1995, p. 58) afirma que esse tipo de estudo “[...] é a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, para compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.”.

Para a construção da presente monografia, fez-se necessário a realização da oficina “Corpo e Memória: Suas Manifestações na Formação Docente” em parceria com a discente Cíntia do Nascimento Gomes, realizada nos dias 27 de maio e 03 de junho de 2019, tendo como protagonistas 43 discentes no primeiro dia e 39 no segundo dia. As discentes compõem a turma da disciplina “Arte e Educação” do 4º período do curso de Pedagogia, Campus Professor Alberto Carvalho, na Universidade Federal de Sergipe, na cidade de Itabaiana/SE.

A oficina mencionada teve como referência a proposta de trabalho de Andrisa Kemel Zanella, desenvolvida por ela no primeiro semestre de 2011 com acadêmicas do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas/RS, em sua tese de doutorado “Escritura do corpo bibliográfico e suas contribuições para a educação: um estudo a partir do imaginário e da memória.”, serviu de embasamento para a construção e desdobramento da oficina, sendo ainda esta pesquisa bibliográfica, pois se utilizou “[...] material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (GIL, 2008, p. 44).

Assim, o objetivo da pesquisa é de cunho explicativo visto que dentro de sua elaboração se faz necessário explicar o ambiente, bem como seus integrantes. Para Gil (1999), a pesquisa explicativa visa identificar os fatores e causas que contribuem para o acontecimento de eventos. A pesquisa também caracteriza-se como experimental, segundo Fontelles, Simões, Farias e Fontelles (2009, p. 6), “É toda pesquisa que envolve algum tipo de experimento. Neste tipo de estudo, o pesquisador participa ativamente na condução do fenômeno, processo ou do fato avaliado, isto é, ele atua na causa, modificando-a, e avalia as mudanças no desfecho.

O Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, localizado na Av. Ver. Olímpio Grande, 5 - Sítio Porto, Itabaiana - SE, tem estrutura física de salas de aulas, laboratórios, biblioteca, salas de departamentos, dos professores e dos setores administrativos. O campus foi o local onde foi realizada a oficina “Corpo e Memória: Suas Manifestações na Formação Docente.”.

No primeiro dia, a oficina teve como cenário o mini auditório, localizado no Bloco B da referida instituição. O espaço utilizado possui capacidade para aproximadamente 80 pessoas, além de telão para projetor de multimídia, palco, cadeiras, birô, ar condicionado e isolamento acústico. Foram utilizados os materiais para a realização da oficina: notebook, Datashow, caixa de som e gravador, como pode ser parcialmente visualizado na imagem que segue:

Figura A – Imagem do mini auditório.



Fonte: Arquivo da autora. Registrada em 27 de Maio de 2019.

A foto acima exibida foi registrada momentos antes do início da oficina. Enquanto organizávamos os materiais a serem utilizados e aguardávamos a chegada do restante da turma.

No segundo dia, o cenário da oficina foi alterado devido a um equívoco ocorrido durante o agendamento para reserva do mini auditório. Por isso, a oficina foi realizada na Sala 103 do Bloco C da Universidade Federal de Sergipe, em Itabaiana. O espaço possui cadeiras, birô, quadro, ar condicionado e projetor de multimídia, conforme mostra parcialmente a imagem abaixo:

Figura B – Imagem da sala 103.



Fonte: Arquivo da autora. Registrada em 03 de Junho de 2019.

A foto mostrada acima foi registrada momentos antes de iniciarmos a oficina. As discentes apresentavam maior interação entre elas, o que provocou a sensação de maior liberdade diante de nossa presença, visto que, no primeiro dia, antes do início da oficina, as discentes pouco conversaram entre elas.

Os sujeitos envolvidos nesta pesquisa são alunas do 4º Período de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, no campus de Itabaiana. No primeiro dia da oficina, se fizeram presentes 43 discentes, caracterizados conforme a tabela abaixo:

Tabela 1 – Caracterização das discentes

IDENTIFICAÇÃO	IDADE	CIDADE
A	19 ANOS	LAGARTO
B	19 ANOS	Nª. Sr.ª DA GLÓRIA
C	22 ANOS	ITABAIANA
D	27 ANOS	ITABAIANA
E	20 ANOS	FREI PAULO
F	24 ANOS	AREIA BRANCA
G	21 ANOS	AREIA BRANCA
H	37 ANOS	ITABAIANA
I	20 ANOS	ITABAIANA
J	22 ANOS	ITABAIANA

K	22 ANOS	ITABAIANA
L	21 ANOS	ITABAIANA
M	21 ANOS	ITABAIANA
N	20 ANOS	ITABAIANA
O	20 ANOS	RIBEIRÓPOLIS
P	29 ANOS	AREIA BRANCA
Q	20 ANOS	ITABAIANA
R	22 ANOS	SÃO DOMINGOS
S	21 ANOS	ITABAIANA
T	40 ANOS	ITABAIANA
U	24 ANOS	ITABAIANA
V	24 ANOS	ITABAIANA
W	24 ANOS	ITABAIANA
X	21 ANOS	ITABAIANA
Y	21 ANOS	ITABAIANA
Z	23 ANOS	MOITA BONITA
AB	22 ANOS	ITABAIANA
AC	19 ANOS	ITABAIANA
AD	22 ANOS	ITABAIANA
AE	25 ANOS	CARIRA
AF	22 ANOS	CAMPO DO BRITO
AG	20 ANOS	MALHADOR
AH	28 ANOS	ITABAIANA
AI	20 ANOS	ITABAIANA
AJ	23 ANOS	ITABAIANA
AK	21 ANOS	ITABAIANA
AL	22 ANOS	FREI PAULO
AM	20 ANOS	MACAMBIRA
AN	21 ANOS	CAMPO DO BRITO
AO	22 ANOS	MACAMBIRA
AP	23 ANOS	MACAMBIRA
AQ	20 ANOS	CAMPO DO BRITO

AR	22 ANOS	ITABAIANA
-----------	----------------	------------------

Pela tabela acima exibida, preenchida conforme a descrição das próprias discentes nota-se que a maioria das discentes é da cidade de Itabaiana/Se, porém durante a interação nas duas noites de oficina, pode-se notar que apesar de serem moradoras da cidade de Itabaiana/Se, as discentes pertenciam a diversas cidades do estado de Sergipe, sendo algumas também do estado da Bahia. Assim, a infância da maioria das discentes não foi vivida na cidade atual em que residem, mas em diferentes locais de Sergipe.

Durante a oficina, para conhecer a turma, pedimos que todos se apresentassem citando o nome, idade, cidade, curso e período, o que proporcionou um conhecimento maior de cada discente, além de no termo de consentimento haver espaço para o preenchimento dos mesmos dados.

A turma pesquisada é composta por 43 discentes, sendo 41 mulheres e dois homens. A faixa etária do grupo compreende dos 19 aos 40 anos de idade. E, como mostra a tabela, embora os alunos sejam de diferentes idades, há uma predominância pelas idades de 19 a 24 anos, o que demonstra que os sujeitos desta pesquisa passaram, simultaneamente, pela fase da infância.

6. OFICINA “CORPO E MEMÓRIA: SUAS MANIFESTAÇÕES NA FORMAÇÃO DOCENTE”.

“Para mim, a criança [...] é um humano que todos temos que apreciar.”

(Johana Villa, 8 anos)

Ao iniciar os estudos para a preparação do presente trabalho, por se tratar de infância, memória e corpo se fez necessário a realização de uma oficina, na qual pretendíamos analisar os sujeitos envolvidos. Para sua execução, nos inspiramos na oficina realizada por Andrisa Kemel Zanella (2013) e a partir dos seus estudos e outros referenciais bibliográficos construímos um roteiro de atividades, conforme apresentado em apêndice B.

As atividades tinham o objetivo de despertar a memória dos discentes, bem como estimular a soltura de seus corpos. Inicialmente, propomos a realização da oficina em apenas uma noite, porém, logo vimos que não seria suficiente para todas as atividades que tínhamos planejado e concordamos em produzir a oficina em duas noites.

Assim, a oficina “Corpo e Memória: Suas Manifestações na Formação Docente” foi dividida em duas noites de segunda-feira com intervalo de sete dias entre elas. Os dias foram escolhidos de acordo a disponibilidade da turma e de nós ministrantes. Todo o material preparado para a realização da oficina se deu através de pesquisas e opiniões pessoais, procuramos nos basear em objetos que remetia à nossa infância.

Na noite de 27 de maio de 2019 as 19h00min, iniciamos a preparação da oficina, enquanto aguardávamos a chegada dos discentes, organizando as cadeiras em círculo para que os discentes caminhassem livremente pudessem visualizar com clareza todo o ambiente. Sobre a mesa expomos alguns alimentos a serem utilizados na oficina: bolo, goiabada, biscoito e café, conforme exibido na seguinte imagem:

Figura C – Mesa de degustação dos alimentos.



Fonte: Arquivo da autora. Registrada em 27 de maio de 2019.

Esclareço que a presente pesquisa preserva o anonimato dos sujeitos envolvidos na análise dos dados. Antes do período da coleta de dados os discentes foram informados sobre o conteúdo da pesquisa e tiveram a chance de livre escolha para a participação nesta investigação ao acessarem o termo de consentimento, como mostra o apêndice A.

Nos momentos que antecederam a abertura da oficina, notou-se que os discentes apresentavam sinais de rigidez, olhares curiosos e receosos, além de resistência para interagir, com respostas curtas às nossas tentativas de contato. Os corpos se encontravam rígidos e fechados, braços cruzados e expressões sérias. Já esperávamos que, inicialmente por ainda não nos conhecermos, enfrentaríamos a desconfiança e cautela da turma, então mantivemos a discrição, perseverando nas tentativas de comunicação, mas deixando a turma livre para interagir conosco.

Assim iniciamos a oficina, explicamos que se tratava de uma pesquisa voltada para a construção de nossas monografias, e após nos apresentarmos e ouvir os nomes, idades, cidade, curso e período de cada discente, lançamos a pergunta disparadora: “O que vocês entendem sobre o corpo? Já tiveram alguma disciplina sobre corpo durante esses períodos?”.

O objetivo foi tornar os discentes participativos, quebrando a barreira da segregação através das perguntas, na tentativa de fazer com que houvesse a participação de todos. Passados alguns segundos de murmúrios, a discente A respondeu que:

Ela (a professora) não falou (diretamente) sobre o corpo, a gente fez atividades usando o corpo. (DISCENTE A, 2019)

Ao ser questionado sobre como foram essas atividades, a discente A respondeu que as atividades foram de:

Interação com a turma. Ao explicar a disciplina, ela (a professora) fazia com que interagíssemos com ela. Fazendo rodas de conversa, interagindo com o outro... (DISCENTE A, 2019)

Os discentes relataram que tiveram a experiência de trabalhar o corpo no período anterior, ou seja, o terceiro. Através da disciplina “História da Infância”³ em que a professora em questão utilizou o corpo para que a turma interagisse entre si, através de atividades em que os alunos deveriam se comunicar entre eles.

Questionamos as discentes “Qual a função do corpo na formação docente?”, aqui esclarecemos aos discentes que a pergunta não estava relacionada somente à vida acadêmica, mas também aos seus conhecimentos prévios e suas experiências. Buscamos também com o

questionamento despertar as memórias dos discentes acerca de como seus corpos se comportavam nas salas de aula de suas escolas.

A discente B se manifestou esclarecendo que,

O corpo tem várias funções... fisiológicas... e eu acho que a principal função é a de expressões... Expressar sentimentos, ação...(DISCENTE B, 2019)

Notamos que os discentes ainda estavam receosos para responder as perguntas, então buscamos levantar questões para incentivar suas falas. Para isso, relatamos o comportamento dos corpos docentes em sala de aula, dos nossos próprios corpos e de como ele fala de nós, demonstrando quando estamos exaustos, preocupados ou felizes.

Falamos ainda sobre nossas experiências pessoais, onde na sala de aula o comportamento do professor liberta ou oprime nosso corpo. Se o professor chega rígido a sala de aula, conseqüentemente, o corpo reage a esse comportamento, sendo o reflexo do que está vendo e sentindo.

Como a turma não demonstrava sinal de confiança em participar da discussão, procuramos expressar o que a oficina representava e como éramos alunas tanto quanto eles. Falamos ainda de compartilhar saberes, de crescimento coletivo e da importância da interação geral para nossa análise.

Com isso, a discente A pontuou:

Essa coisa de movimento do corpo, eu acho que a turma toda assim... Entra em consenso, porque a nossa turma nos primeiros períodos não tinha contato, era bem dispersa, a gente não conseguia interagir... E depois da disciplina (História da Infância), que ela (a professora) colocou a gente mais em movimento, mais em contato, todo mundo tinha que conversar com todo mundo, algum momento em que a gente tinha que interagir... A turma toda mudou e eu acho que o papel do professor é tão importante que muda totalmente o ambiente... O professor que está aí na frente, o comportamento dele diz muito como a turma vai agir com ele. Porque a forma como ele fala, a forma como ele interage, até quando vai passar uma prova ou fizer um trabalho... Diz muito sobre como a gente pode se comportar... (DISCENTE A, 2019).

³ Apesar dos discentes afirmarem que a disciplina é “História da Infância”, a disciplina em questão é “História social da criança.”.

A afirmação da discente A, abre espaço para entendermos o quanto o corpo do professor reflete na aprendizagem. Rodrigues (2010), afirma que:

O corpo do professor está presente no exercício da docência e, de fato, a corporeidade é um fenômeno de grande relevância, não apenas na relação professor-aluno, mas também, no modo como o professor está implicado com o conteúdo da sua disciplina. O educador ministra corporalmente sua aula e pode se apropriar da corporeidade para instrumentalizar sua ação pedagógica, pois o corpo é um veículo de comunicação e de expressão visível aos outros, não apenas para o próprio sujeito. (p. 40).

Sendo o corpo um meio para a comunicação, está sempre sendo observado e seguido, e mesmo sem nos darmos conta, o comportamento do nosso corpo torna-se referência para os demais.

A discente A ainda destacou que:

O nosso tempo aqui é pouco, e na maioria das vezes a gente é só colega de vista... No nosso tempo de escola tinha (grupos), a gente ia pra casa um do outro... E hoje em dia não. (DISCENTE A, 2019)

Foi discutida ainda a maneira como julgamos as pessoas pelos seus comportamentos e criamos uma imagem inúmeras vezes equivocada das pessoas, o que só é revertido com o contato direto, quando passamos a conhecer de fato a pessoa. Ou seja, apesar do corpo ser um espelho de quem somos apenas através do contato com o outro indivíduo é que podemos conhecê-los.

A relação com os demais seres nos tornam inseridos no mundo, crescemos com o contato com o outro, nos tornando sociáveis e parte da sociedade. Para Zanella “[...] nossos gestos são construídos a partir das vivências no meio (social, cultural e histórico) no qual estamos inseridos, bem como pelo movimento subjetivo da relação do homem com e no mundo.” (p. 60). A relação entre um indivíduo e outro constroem as memórias que estão inseridas em nossos corpos, através das experimentações que vivemos.

Assim, apresentamos na discussão sobre o corpo, a memória e a relação com o outro, como forma de aos poucos ligar os temas e introduzir os discentes para as discussões futuras da oficina. Após a discussão propomos então uma atividade na qual os discentes teriam um momento para interagir com os colegas. Em nossas palavras, gostaríamos que os discentes andassem pela sala e interagissem de forma livre entre eles para assim quebrar a tensão ainda presente na turma.

Para isso, colocamos a música “O corpo” de Paulinho Moska:

*Meu corpo tem cinquenta braços
E ninguém vê porque só usa dois olhos
Meu corpo é um grande grito
E ninguém ouve porque não dá ouvidos*

*Meu corpo sabe que não é dele
Tudo aquilo que não pode tocar
Mas meu corpo quer ser igual àquele
Que por sua vez também já está cansado de não mudar*

*Meu corpo vai quebrar as formas
Se libertar dos muros da prisão
Meu corpo vai queimar as normas
E flutuar no espaço sem razão*

*Meu corpo vive, e depois morre
E tudo isso é culpa de um coração
Mas meu corpo não pode mais ser assim
Do jeito que ficou após sua educação.*

Ainda antes de iniciarmos a música, os discentes já se encontravam de pé e conversando, animadamente, uns com os outros. Durante a música, instigamos o movimento pela sala, buscando de forma descontraída aqueles que ainda permaneciam sentados, porém sem pressionar ou exigir que participassem da atividade.

No meio da música os alunos já tinham montado uma coreografia, fazendo assim o corpo se movimentar com palmas e passos sincronizados. O momento foi realmente de libertação e diversão, e mesmo os alunos que não entraram para a coreografia, em pé ao lado de suas carteiras sorriam e acompanhavam com palmas e movimento individual de seus corpos.

O objetivo estratégico da música era tornar o ambiente leve e os corpos relaxados, por isso solicitamos aos discentes que se envolvessem com o som, o que surgiu o efeito desejado: os discentes dançaram, sorriram, fizeram coreografias, abraçaram uns aos outros. Ao final da música, os discentes ainda empolgados relataram que acompanharam o som, mas não a letra

da música, assim, passamos mais uma vez o áudio da música e a letra no telão para que todos pudessem ouvir e ler.

Pedimos que eles relacionassem a música com o que discutimos até o momento e também expressarem como foi o momento de descontração. A discente B relatou que,

Basicamente a música fala de um corpo transgressor, um corpo que... Às vezes a gente fica tão dentro de nossa caixa de vidro, durante muito tempo. Principalmente na infância, principalmente dentro da escola. Sempre ouvindo “Faça isso”, “Não faça aquilo”, “Faça tal coisa”... E assim, muitas vezes a gente não se permite. A gente consegue perceber isso quando a gente coloca uma música, pede “pras” pessoas se levantarem, mas elas ainda têm travamentos, tem receios. Por quê? Porque acha que alguém vai falar, que vai mangar... Que vai... É... Impedir de ser quem ela é. Então é basicamente isso, é quebrar as formas, é quebrar aquele corpo mais educado, mais sentado de uma forma e realmente transcender... Né... É... Enfrentar barreiras. Essa parte (da música) é bem interessante “Meu corpo tem cinquenta braços e ninguém ver porque só usa dois olhos” a forma da própria imaginação, de se permitir, de dançar, de fazer o que você gosta de fazer... (DISCENTE B, 2019)

A escolha da música “O corpo” para apresentar à turma, se deu a partir da esperança de que além da interação física, os discentes pudessem compreender o que a letra da música estava dizendo quanto ao corpo. O relato da discente B descreveu com exatidão o que senti quando ouvi a música. Nossos corpos se tornam reféns dos olhares alheios, nosso comportamento se desenvolve de acordo com o que imaginamos que o outro está pensando de nós. Nosso corpo é moldado desde nossa infância para saber como se comportar, como obedecer. Enquanto a discente descrevia o que entendeu com a música e com a oficina até aquele momento, pude ouvir meus próprios pensamentos através da fala de outra pessoa.

A fala dela, aparentemente resumiu o que toda a turma entendeu da música. Assim, após uma breve discussão aplicamos a atividade: Revivendo Lembranças. A atividade consistiu em apresentar aos envolvidos sabores, cheiros, fotos e sons com o objetivo de despertar as memórias dos discentes. Foram apresentados sabores como bolo, biscoito, goiabada e café. Usamos o perfume Alfazema e imagens de desenhos infantis. Além de compartilhar com eles memórias pessoais.

A presente atividade teve traços de uma das atividades realizadas por Andrisa Kemel Zanella (2013) intitulada “Autorretrato da criança que um dia eu fui”, na atividade em que foi

proposta que as participantes apresentassem em um gesto a criança que cada uma um dia foi. Na atividade que aplicamos usamos os alimentos que levamos, imagens de desenhos infantis e o cheiro do perfume Alfazema para despertar as memórias construídas por eles.

Assim, a atividade permitia à turma de maneira livre vir até a mesa e se servirem, enquanto as imagens dos desenhos animados impressos passavam entre eles de um para outro. Os desenhos impressos utilizados podem ser visualizados na tabela abaixo:

Tabela 2 – Desenhos animados

 Desenho “X men” (Exibido entre os anos de 2000 a 2003). Imagem obtida da Internet.	 Desenho “Historinhas de Dragões” (Exibido desde 2000). Imagem obtida da Internet.
 Desenho “Três Espiãs Demais” (Exibido entre os anos de 2001 a 2014). Imagem obtida da Internet.	 Desenho “As Aventuras de Jackie Chan” (Exibido entre os anos de 2000 a 2005). Imagem obtida da Internet.



Desenho “Pica-Pau” (Exibido entre os anos de 1950 a 2018). Imagem obtida da Internet.



Desenho “Power Rangers” (Exibido desde 1993). Imagem obtida da Internet.

A escolha dos desenhos acima exibidos se deu a partir da observação de que suas exibições aconteciam em TV aberta durante uma mesma época. Assim, devido à idade da maioria das discentes, acreditamos que esses desenhos iriam trazer recordações de suas infâncias.

Pedimos então que as discentes procurassem identificar o que cada sabor lhe lembrava. Assim, durante alguns minutos, elas puderam reviver suas memórias da infância, ao mesmo tempo em que compartilhavam entre seus grupos.

Após a atividade, mais uma vez, questionamos sobre as recordações despertadas através da experiência vivida. Os discentes expressaram suas memórias da infância, a casa da mãe, a casa da avó, os dias em frente a TV. A discente C relatou que,

O café me lembra muito minha mãe, porque ela sabe que eu gosto e toda vez que eu viajo pra vê-la, ela faz. Isso e banana da terra. E assim que eu “tô” chegando, eu já sei o que vai ter... (DISCENTE C, 2019)

O café também trouxe lembrança para a discente A:

O café não traz uma lembrança da infância, mas uma coisa que eu vivo hoje em dia. Porque ainda na minha família todo domingo minha avó faz o café e o bolo, então toda vez que eu como café com bolo eu me lembro disso, não só na minha infância... (DISCENTE A, 2019)

Importante fazer a observação de que mesmo morando em cidades ou estados diferentes, as memórias dos discentes despertadas através da atividade tinham grandes semelhanças. Foram citadas inúmeras vezes a casa da avó, os dias de chuva sem aula em

frente à TV, o desejo de ser um personagem de desenho, o lanche da escola, o sabor da comida a mãe, do bolo da avó e do cheiro do perfume Alfazema na infância.

Para Halbwachs (2013. p. 39), a reconstrução dessas memórias só são possíveis porque ainda pertencemos a uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Então, mesmo que os estados sejam diferentes, fazemos parte de uma mesma sociedade a qual não se restringe apenas a nossa cidade ou família.

Ainda sobre os relatos das lembranças despertadas, a discente E ressaltou que:

O perfume, o alfazema, ele ainda tá muito presente na minha vida... Eu gosto do perfume, eu tenho em casa e eu uso às vezes... E... As figuras, assim... Quando eu comecei a olhar as figuras, os desenhos, tive uma emoção boa. Aquela lembrança da infância... Eu lembro dos desenhos que passavam... Pela manhã... É... Como... Aquele... Como é aquele com bonequinhos coloridos, cada um de uma cor? Power Rangers! Eu assistia ele, com meus irmão sempre! E esse Três Espiãs Demais era o meu favorito! (DISCENTE E, 2019)

Durante os relatos das memórias da infância, quando um discente relatava uma memória, sempre se ouvia “*Eu também adorava isso!*” ou “*Eu me lembro disso*”. O momento em que mais se notou isso foi quando a discente D se manifestou:

Tudo me lembra alguma coisa. Mas quando eu ouvi o desenho “Historinhas de Dragões” me recordou bastante coisa, porque até hoje eu sei cantar a musiquinha. (DISCENTE D, 2019)

Dito isso, a emoção que tomou conta da sala ficou evidentemente clara quando começamos a cantar um trecho do tema de abertura do desenho Historinhas de Dragões, exibido no Canal Futura em 2000 até os dias atuais.

Aqui peço ao leitor que imagine uma sala com 44 pessoas envolvidas num momento de recordação e nostalgia, relembando a infância e cantando:

*Historinhas de Dragões
Estão em nossos corações
Vem com a gente vem brincar
Aqui na Terra dos Dragões.*

Completando com a frase usada pelos personagens Max e Emília para se teletransportarem para o mundo dos dragões:

*“Eu desejo, eu desejo, de todo o coração.
Voar para longe, para a Terra dos Dragões”.*

O momento, além de recordação foi também a construção de uma memória coletiva, onde ao recordamos a infância dividimos a emoção de cantar uma música que estava presente na lembrança de todos e de um desenho que marcou nossa infância mesmo sem ainda termos nos conhecido.

Segundo Halbwachs,

Para que nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. (p. 39)

O momento de construção da memória acima mencionada foi possível devido ao fato de haver semelhanças entre nossas memórias, assim formamos a nova memória se baseando nas mesmas recordações. Em nosso caso, o desenho “Historinhas de Dragões” representou a nossa lembrança em comum. Os discentes além de descreverem a música de abertura, descreveram como normalmente assistiam o desenho: no sofá, quando estavam de férias, acompanhados de seus irmãos.

Ainda relatando sobre desenhos e brincadeiras, foi mencionado a Quadrilha Junina como recordação dos tempos de escola, e para nossa surpresa a discente F recordou um momento em que nos primeiros anos da escola, ela, juntamente com minha parceira ministrante da oficina, participou de uma mesma quadrilha, conforme trecho da sua fala que segue:

Eu tenho foto lá em casa [delas juntas], se eu soubesse [que Cíntia estaria na oficina] eu teria trazido. (DISCENTE F, 2019)

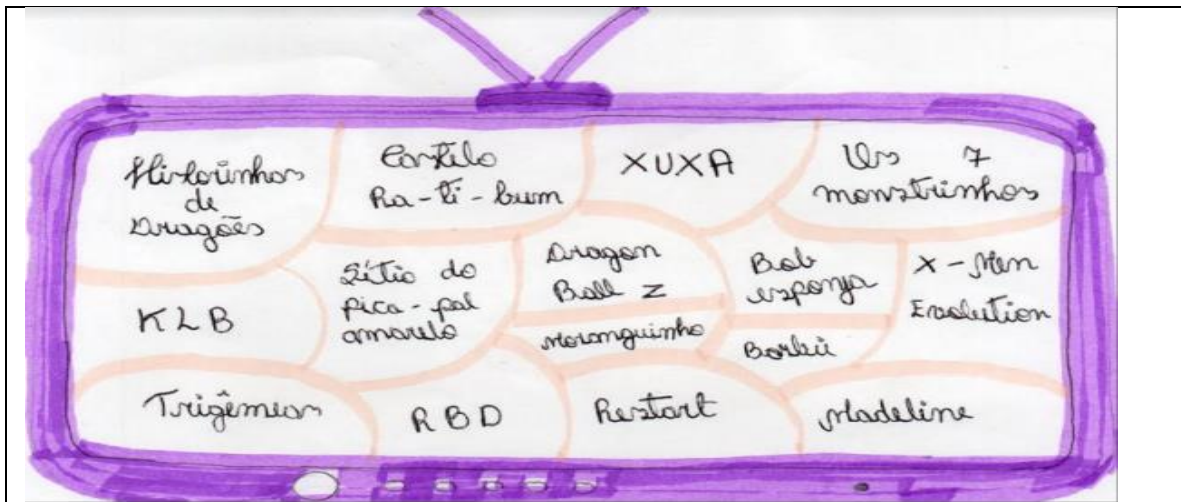
Como nossa proposta para a segunda parte da oficina seria trazer algo que recordasse a infância, pedimos a aluna F que trouxesse a foto para que ambas compartilhassem as memórias de suas infâncias.

Já se aproximando do fim, pedimos que os discentes expressassem a vivência e as memórias despertadas durante a noite através de expressões artísticas, criadas por eles ou algo

que surgiu em sua memória, como desenhos, poemas, músicas. Isso rendeu desenhos de brinquedos, programas de TV, músicas, textos, poemas, e até agradecimento pelos sentimentos despertados naquela noite, conforme mostra parcialmente a tabela abaixo:

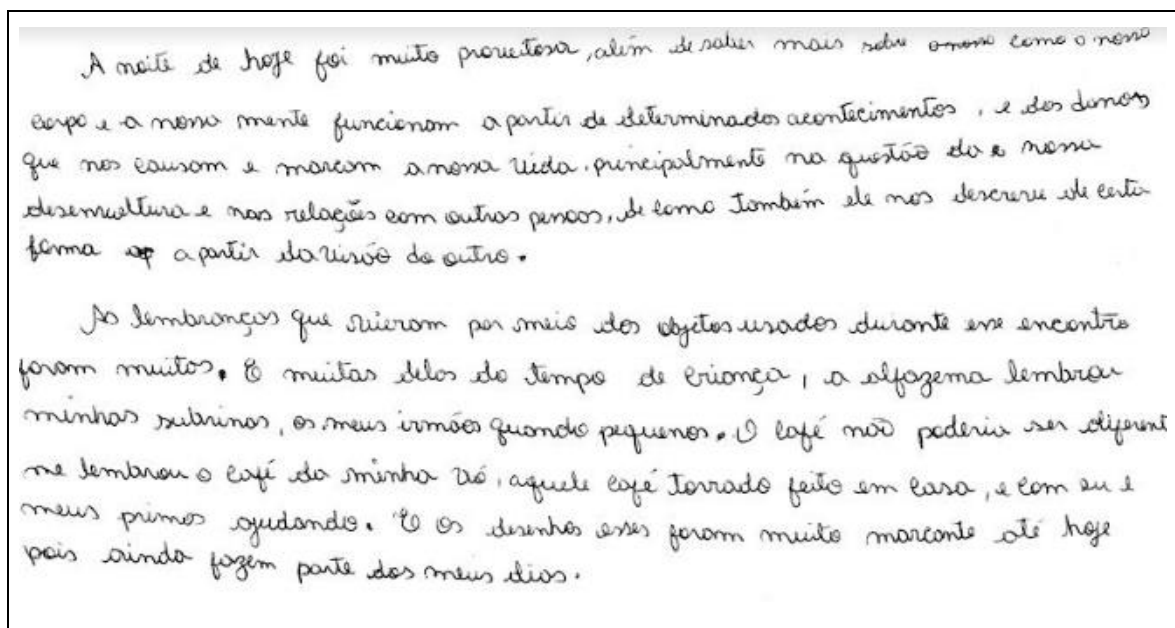
Tabela 3 – Mostra de produções das discentes

Recordação, emoção, conversação Durante a música sentimos a vibração. Memórias revividas apenas com a imaginação O alimento fortalece o corpo e também a alma O hugo no bolo reuni as famílias E o café... aquece o coração, que gestosa sensação Como é bom sonhar, viver e reviver É a cada novo dia, algo novo aprender Oh gloriosa lembrança que me permite sentir E que em um belo dia, pude desfrutar.	A noite de hoje foi muito agradável, e especial. Foi extremamente importante a parte na qual nos levantamos para movimentar o nosso corpo, as lembranças foram ativadas a partir da: comida; cheiro de alface; goiabada com leite. Percebi que as fotos dos desenhos animados foi algo muito proveitoso, foi que toda criança assiste a desenhos, ou seja, nossa memória se voltou completamente para nossas vivências na infância. Enfim, foi uma noite bastante diferente a que tenho certeza que despertou inúmeros sentimentos bons, não só em mim, mas tenho certeza que na turma inteira.
--	--



→ A experiência de hoje foi muito interessante e enriquecedora, pois, nos fez perceber que a partir do corpo podemos demonstrar sentimentos e pensamentos, como também recordar memórias, sendo esta muito influenciada pelas ações do corpo.

→ Por meio das atividades realizadas pude perceber a importância de prestar mais atenção ao que está ao nosso redor quando estamos fazendo algo que possa ficar na nossa memória de longo prazo, pois cada detalhe faz a diferença no momento que a lembrança ocorre.



As imagens acima exibidas trata-se de algumas das produções feitas pelas discentes na primeira noite da oficina. As imagens mostram relatos de como as discentes se sentiram durante as atividades, bem como as memórias que lhes foram despertadas. É perceptível no relato das discentes o quanto a oficina despertou nelas, além de suas memórias, um olhar atento ao corpo e a conscientização do quanto ele está presente em nossa vida.

Assim, solicitamos mais uma vez aos discentes que trouxessem no segundo dia da oficina, um objeto simbólico que representasse sua infância: fotos, brinquedos ou o que mais desejasse para ser compartilhado, afim de mais uma vez procurar reviver as memórias da infância de cada um.

A primeira parte da oficina decorreu conforme o planejado, sem imprevistos que pudessem atrapalhar o andamento do cronograma. Os alunos apesar de reclusos no início da noite participaram e demonstraram satisfação a cada atividade realizada no decorrer da primeira noite da oficina.

O espaço utilizado contribuiu, significativamente, para o desdobramento da oficina, nas atividades os discentes puderam transitar livremente pelo mini auditório sem que houvesse tumulto. Enquanto estavam sentados, a arrumação em círculo das cadeiras permitia que os discentes observassem todo o ambiente, além do isolamento acústico proporcionar maior liberdade para os momentos de empolgação ocorridos durante algum relato divertido, e até mesmo na execução da música. Como já relatado acima, a partir da música houve uma maior libertação por parte da turma. A tensão presente desde o início da oficina desapareceu e

durante as participações os discentes demonstravam maior tranquilidade ao responder nossas perguntas.

Acredito que o ambiente aqui utilizado, por não ter sala de aula ao redor e ter isolamento acústico, deu maior liberdade para que os discentes pudessem se expressar livremente, o que resultou em uma boa qualidade na gravação do áudio desta noite. As vozes dos discentes puderam ser ouvidas em sua maioria, com clareza, devido ao espaço amplo e considerando que estávamos em processo de conhecimento com a turma.

O que quero dizer com isso é que como nosso primeiro contato direto com a turma se deu nesta noite, tanto nós quanto eles eramos cautelosos quanto a comunicação e comportamento. A turma, mesmo à vontade, ainda espera uns minutos para responder as perguntas e durante toda a noite se fez necessário que houvesse incentivo de nossa parte para que se manifestasse nas atividades.

O segundo dia da oficina ocorreu no dia 03 de junho de 2019, sete dias após a primeira parte de a oficina ter sido realizada. Na segunda parte da oficina as discentes apresentavam maior relaxamento com os corpos, sentando nas cadeiras de maneira mais solta e circulando pela sala conversando entre os colegas antes de iniciarmos a oficina, notamos que elas estavam mais à vontade com nossa presença.

Como houve o imprevisto e tivemos que optar por outro local, ficamos em uma sala de aula, um ambiente menor que o mini auditório. No primeiro dia da oficina o objetivo de tornar a visão de todos ampla, foi alcançado através da arrumação da sala em círculo, por isso repetimos o modelo para tornar possível maior socialização da turma.

Iniciamos pedindo aos discentes que ficassem de pé, então colocamos creme hidratante nas mãos de alguns e pedimos para que passassem para as mãos dos demais através do toque, assim, todos deveriam tocar as mãos dos demais, sentindo o momento ao entrar em contato com o outro.

O momento além de proporcionar o contato físico, abriu espaço também para a conversa e conhecimento uns dos outros. A princípio quando levantaram os discentes optaram por ficar ao lado de seus colegas mais próximos. Porém, como queríamos que a socialização fosse além de seus próprios grupos, incentivamos os discentes a trocar de lugar com outros membros da roda para que assim pudessem sentir aqueles com os quais não tinham tanta proximidade.

Esclareço que em nenhum momento houve constrangimento nos incentivos que dávamos aos discentes. Todos tinham total liberdade de estar onde queriam estar, o que

Fonte: Arquivo da autora. Registrada em 03 de junho de 2019.

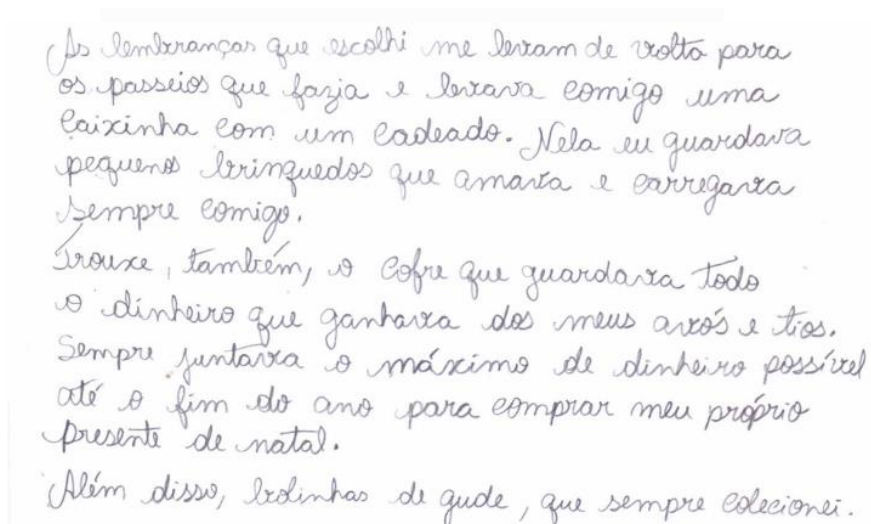
Durante a organização da exposição dos objetos, todos procuravam saber o que o colega ao lado trouxe, gerando assim uma euforia entre os alunos. O tempo de organização durou cerca de 3min. Quando todos colocaram seus objetos e voltaram para seus lugares, pedimos que um de cada vez pegasse seu objeto e explicasse como brincava com ele, o que representava e o porquê de sua escolha. O objetivo era despertar a memória da infância de cada um e socializar entre os demais, para assim reviver as brincadeiras e recordações da infância.

Na sequência são apresentados uma amostra das produções escritas reveladoras de objetos e práticas na infância. A discente G iniciou a atividade pegando uma caixinha e um cofrinho rosa:

Geralmente eu guardava dentro dessa caixinha aqui, coisas pequenininhas que eu gostava de carregar para todo lado, bonequinhos... Dentro tem... Eu gostava muito desse bonequinho. Esse ainda 'tá' lacrado porque minha mãe guardou. Por que a maioria era assim... Soltinho... Essa caixinha era cheia. E aqui era sempre que eu ganhava uma economiazinha, alguma coisinha dos meus avós... Eu sempre colocava nesse cofrinho. (DISCENTE G, 2019)

O cofrinho e a caixinha podem ser vistos abaixo, juntamente ao relato escrito da discente.

Figura D – Relatos da turma – caixinha e cofrinho



As lembranças que escolhi me levam de volta para os tempos que fazia e levava comigo uma caixinha com um cadeado. Nela eu guardava pequenos brinquedos que amava e carregava sempre comigo.
 Trouxe, também, o cofre que guardava todo o dinheiro que ganhava dos meus avós e tios. Sempre juntava o máximo de dinheiro possível até o fim do ano para comprar meu próprio presente de natal.
 Além disso, bolinhas de gude, que sempre colecionei.

Fonte: Arquivo da autora. Registrada em 03 de junho de 2019.

Nota-se que, aqui, a família está muito presente na vida da discente D, visto que a mesma relata o dinheiro recebido de seus tios e avós. Percebe-se em seu relato que essa prática era constante entre sua família. O costume de ganhar dinheiro dos tios e avós quando se é criança é comum ainda nos dias atuais, e de acordo com a maioria das discentes também era comum, quando crianças, ganharem dinheiro de sua família, principalmente em dias de feira em suas cidades.

Aqui houve uma pequena resistência por parte dos alunos que não queriam pegar o objeto para “não falar”, expor uma parte da infância parecia ser desconfortável para elas. Então a segunda a se manifestar foi a discente B, quando manifesta a seguinte narrativa:

Bem... É... Tipo, eu não moro aqui, então o que eu trouxe foi meu hinário e meus recitativos, pra quem conhece a congregação a gente tem nossos hinos próprios pra tocar... E eu era musicista e auxiliar⁴ lá... E aí eu guardo desde a infância, porque desde a infância eu sou de lá, minha família toda é de lá e aí eu guardo sempre eu levo sempre na minha mochila, tanto meu hinário quanto a minha bíblia. (DISCENTE B, 2019)

Esse recurso evidencia um repertório de ações que cultivam a religiosidade, a vida em comunidade, as expressões artísticas dentro de espaços de sociabilidade e convivência social. Desse modo, a discente é formada em espaços educacionais não-formais e suas compreensões sobre a vida e sobre si também são formuladas a partir de objetos de suporte impresso, de práticas artísticas musicais e de uma rotina dominical coletiva.

Segundo a discente, apesar do afastamento ocorrido entre ela e sua religião da infância, devido à distância física e decisão pessoal, o costume em ainda levar consigo os itens mencionados ainda permanece em sua vivência.

Para Halbwachs (2003, p. 39) é aceitável que quando nos distanciamos do grupo ao qual pertencemos, percamos os sentimentos outrora experimentados entre este grupo, visto que não há mais nada em comum entre nós e nossos antigos companheiros. Porém, nota-se que apesar do afastamento da discente B de sua antiga religião, o contato com a família, fiéis à sua crença, ainda mantém os antigos hábitos da discente em atividade.

Quando vi o hinário e o recitativo, julguei ser da discente H, pois eu tinha conhecimento de sua religião. O hinário trata-se de um pequeno livro com cânticos de súplicas e adorações, enquanto os recitativos são pequenos trechos da Bíblia proferidos por crianças e jovens durante as cerimônias religiosas.

⁴ Pessoa escolhida para auxiliar as crianças e jovens durante o recitativo.

Então a discente H respondeu:

Não! Eu trouxe 'Paula'. Vou ser sincera... Eu não gostava de brincar de boneca. (DISCENTE H, 2019)

Nesta afirmação temos a narrativa de uma menina que não gostava de boneca. Portanto, revela pluralidades na concepção de infância em suas diversas vertentes e múltiplas manifestações de gênero, por exemplo. Não gostar de boneca vai na contramão de uma sociedade que cultua a boneca como brinquedo destinado especialmente ao universo feminino. A fala da discente contraria as regras culturais e manifesta modos de sentir e perceber a infância e, portanto, a si mesma, já na fase adulta. Questionada se a boneca não lhe trazia nenhuma lembrança, a discente respondeu que Paula não lhe trazia nenhuma recordação, mas desenhou 'Paula' ao final da oficina, conforme mostra a imagem abaixo,

Figura E – Relatos da turma – Paula



Fonte: Arquivo da autora. Registrada em 03 de junho de 2019.

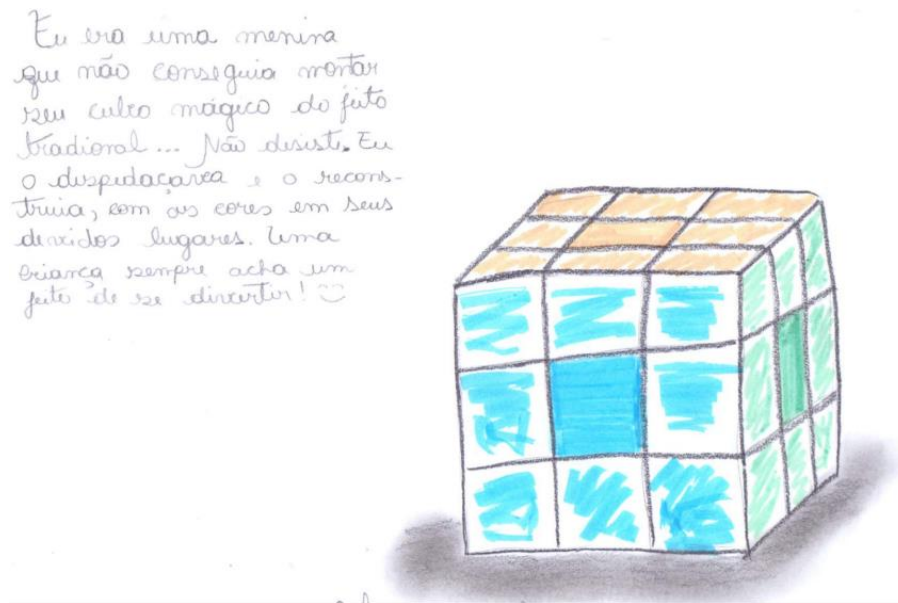
Apesar de afirmar que a boneca não lhe trazia nenhuma recordação, a discente E desenhou 'Paula' em sua produção. Sendo assim, acredito que a discente preferiu não se manifestar acerca das lembranças que a boneca lhe trazia, visto que ela a guardou desde sua infância, além de tê-la trazido para a oficina.

Dando continuidade, foi a vez da discente I expor o objeto trazido por ela, afirmando que:

Eu nunca consegui montar o cubo mágico, mas eu gostava muito, e eu ficava puxando e desmontava todo ele, tirava todas as peças e montava de volta com as cores certas... (DISCENTE I, 2019)

Para complementar sua fala em aula, a discente I produziu um desenho acompanhado do relato de sua experiência com o cubo baixo, como pode ser visto na imagem abaixo:

Figura F – Relatos da turma – O cubo mágico



Fonte: Arquivo da autora. Registrada dia 03 de junho de 2019.

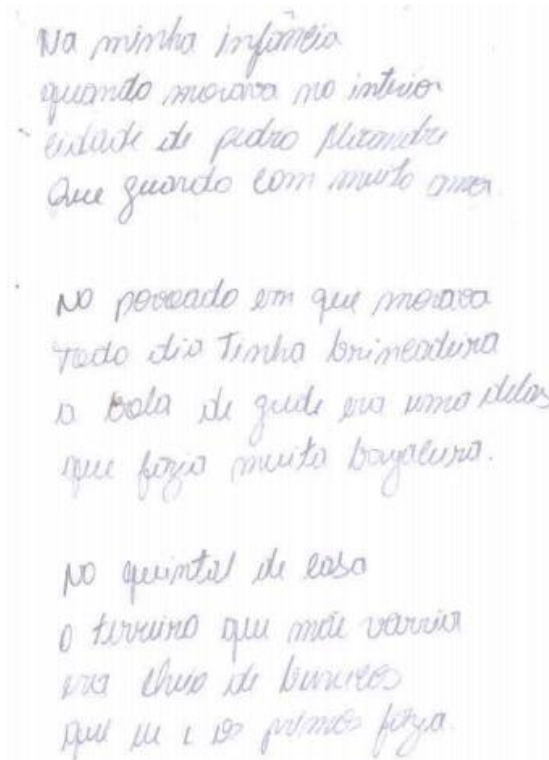
O relato da discente I referente ao cubo mágico mostra como enquanto criança encontramos soluções para nossos “problemas” de maneira que quando nos tornamos adultos essas soluções parecem inaceitáveis. Segundo Kohan (2005, p. 47), “A infância é o reino do “como se”, do faz de conta, do “e se as coisas fossem de outro modo”?” As crianças têm a capacidade de olhar de diferentes formas para situações que aparentam ter apenas uma solução, usando sua imaginação para explicar o que nós, como adultos, não cogitamos como possibilidade.

Prosseguindo com a atividade, para incentivar a participação dos demais discentes, chamamos pelo nome de forma descontraída e mudando logo a atenção para outro discente, pois o objetivo era incentivar e não constranger os alunos. O discente J trouxe bolinhas de gude e afirmou:

Eu jogava muito de “marraia” que chamava de “marraia”. O pessoal de interior... sempre no terreiro da casa... Era tudo furado de buraco... (DISCENTE J, 2019)

A bolinha de gude do discente J trouxe várias lembranças entre toda a turma. Ouviram-se muitas vozes relatando que também tinha e gostava de brincar com as bolinhas, o discente escreveu um poema como mostra a imagem:

Figura G – Relatos da turma – Na minha infância...



Fonte: Arquivo da autora. Registrada em 03 de junho de 2019.

Para o discente J, a bolinha de gude representa sua infância, sendo uma brincadeira constante entre seus primos e amigos. Segundo Kohan, “A infância também tem a ver com revisar certos lugares como se fosse a primeira visita.” (2003, p. 40). Mesmo não visitando fisicamente o local de sua infância, nos relatos, através da emoção expressada pelo discente, pode-se perceber o quanto as lembranças despertadas, proporcionou um momento de entusiasmo ao descrever uma das brincadeiras de sua infância.

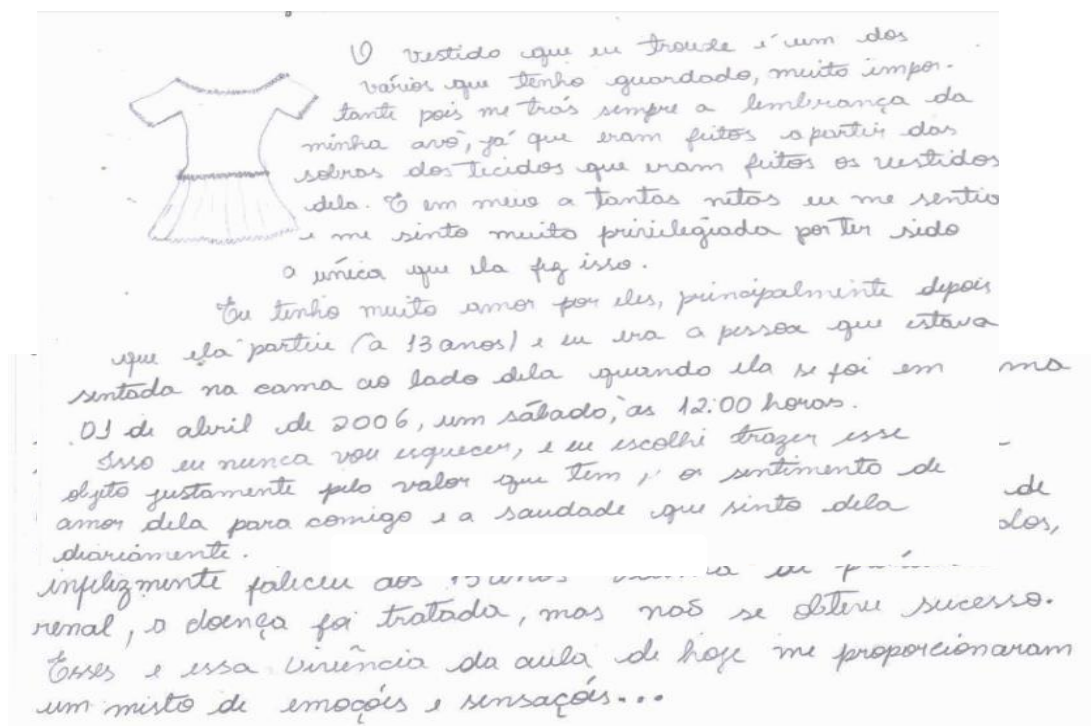
Dando continuação, a discente K pegou algo que parecia ser uma bolsinha e afirmou que de fato era uma bolsa:

[...] só que a alcinha torou... Sabe? Tem muito tempo. Aí assim, a história dessa bolsinha... Assim, eu e uma prima minha a gente tinha igual, eu tinha a rosinha e ela tinha a marronzinha, aí assim, essa bolsinha me marcou

muito porque nós duas tínhamos a mesma... E ela faleceu. Aí... Aí assim... Sempre que eu via ela lá, eu me lembrava dela, entendeu? Aí depois que ela faleceu... Eu não usei mais... A mãe dela guardou a dela e eu guardei a minha.”. A discente pegou um vestidinho pequeno e continuou: “E a história do vestido... É que minha vó, muito vaidosa sempre que ela mandava a costureira fazer um vestido pra ela, ela já dizia: ‘Se sobrar um pedacinho de tecido, já sabe né? E o vestidinho da minha neta’” E aí sempre eu tinha um igual o dela... (DISCENTE K, 2019)

O relato da discente K abriu espaço para analisarmos o quanto de nossa memória pode ser despertada através de um objeto. Halbwachs (2003) afirma que é difícil nossas lembranças se resumirem apenas à objetos exteriores, pois sempre há associação do objeto a outras pessoas, grupos e sentimento. Assim, a discente relatou também por escrito, o motivo da escolha dos objetos, conforme mostra a imagem abaixo:

Figura H – Relatos da turma – O vestido e a bolsinha



Fonte: Arquivo da autora. Registrada em 03 de junho de 2019.

Para a discente K, os objetos trazidos para a oficina possuem grande valor devido às pessoas das quais eles se lembram.

Segundo Halbwachs (2003)

[...] por toda a infância, há muitos momentos em que assim enfrentamos o que já não é a família, seja porque nos chocamos ou porque nos ferimos no contato com objetos, seja porque tenhamos de nos sujeitar e dobrar pela força das circunstâncias, embora inevitavelmente passemos por toda uma sequência de pequenas provas que são como uma preparação para a vida do adulto [...] depois de um luto, a criança [conhece] um tipo de sofrimento normalmente reservado aos adultos e teve de enfrentá-lo no mesmo plano que estes. (p. 47-48)

O luto enfrentado pela discente K durante a infância, fez com que ela enfrentasse um sentimento que nem mesmo os adultos estão preparados para enfrentar. As perdas sofridas pela discente, provavelmente interromperam sua infância, mesmo que por um período apenas.

Após o relato anterior, a discente L, que trouxe um urso, contou sua história:

Eu não tenho mais bonecas, a que eu tenho é muito grande e não dá pra eu trazer. Esse urso... É... Quando eu mudei recentemente da cidade onde eu morava... Aí morava eu, minha mãe, meus irmãos e uma tia minha, irmã dela (da mãe). E aí no dia das crianças ela (a tia) me deu esse ursinho e deu pra meus irmãos uns carrinhos. E eu lembro porque ele “tava” acompanhando toda a minha infância... Porque assim, mudar de cidade, conhecer coisas novas... E aí ele rezava o “Pai Nosso”, tinha as mãozinhas grudadas (como se estivesse rezando) e brilhava a bochechinha. E aí como eu só tinha ele, aí eu trouxe. (DISCENTE L, 2019)

O urso a acompanhou durante todas as mudanças sofridas em sua vida em todo decorrer de sua infância e por isso tornou-se um objeto de lembranças e refúgio. O ursinho também foi colhido pela discente para seu desenho, conforme mostra a seguinte imagem:

Figura I – Relatos da turma – O ursinho que rezava

Hoje eu trouxe um urso que ganhei da minha tia/madrinha. Ele me traz boas lembranças da minha infância, da casa onde morava, dos momentos com meus irmãos, de quando eu tinha mudado recentemente de cidade e ao mesmo tempo eu, minha mãe, meus irmãos e esta tia, e meu pai tinha ficado na cidade anterior trabalhando, vindo só alguns meses depois. Foi um presente de dia das crianças, ele usava o Roulotte e levitava os bonecos na cama minha. Sempre que eu o vejo sinto a mesma sensação e vejo outros.



Fonte: Arquivo da autora. Registrado em 03 de junho de 2019.

Nota-se que enquanto criança, a discente I via seu urso como amigo acolhedor durante as mudanças em sua infância. Agora adulta, ao olhar o urso, as recordações de sua infância lhe proporcionavam a sensação de viagem ao passado.

Então foi a vez da discente F apresentar o objeto escolhido, e como prometido ela trouxe sua foto com a também pesquisadora, Cíntia Gomes. Vestidas com roupa junina, com tranças no cabelo e a tradicional maquiagem de quadrilha: batom vermelho, bochechas rosadas e com quatro pintinhas em cada uma das bochechas.

Discutimos então sobre as mudanças físicas ocorridas ao longo dos anos. A foto foi tirada dia 18 de junho de 2002, e para registrar o reencontro, foi tirada uma foto das duas crianças, agora adultas e universitárias para futuras recordações.

A discente L trouxe uma foto em que estava vestida de noivinha ao lado de “seu noivo”. Os dois vestidos com roupas brancas, o menino com o rosto pintando em uma tentativa de fazer sua maquiagem parecer uma barba, então ela relatou que,

Aqui é... No São João do colégio, aí me chamaram pra ser noiva, aí eu fui... Valia ponto né... Assim... De início disseram que eu ia encima da carroça, com tudo bem arrumado, enfeitado. Aí eu ia bem alegre (pensando) ‘Não, eu não vou caminhar não...’ aí na hora que subir em cima, chega a diretora correndo pra me puxar, porque os noivinhos tinham que ir de pé mostrando (os demais)... (DISCENTE L, 2019)

O relato da discente L causou divertimento em toda a turma e em meio ao barulho era possível ouvir relatos parecidos de alunas que também foram noivinhas ou que sempre desejaram ser. A imagem seguinte mostra a ilustração da discente M:

Figura J – Relatos da turma – O casamento caipira



Fonte: Arquivo da autora. Registrada em 03 de junho de 2019.

O desenho da discente J retrata o tradicional casamento caipira, ocorrido nas quadrilhas juninas das escolas do nordeste. Nota-se que a discente procurou expor todos os itens utilizados durante os festejos juninos: mesa de comidas típicas, fogueira, carroça com latinhas simbolizando a locomoção dos recém-casados.

Uma ou duas pessoas falaram sobre brincadeiras da infância e de repente todos queriam falar, foram citadas diversas brincadeiras como: bicho da lata (1.2.3 salve todos!), pique alto, queimada, esconde-esconde, pega-pega, entre outras.

Outro momento de emoção foi quando a discente N relatou a perda do pai:

Eu tenho um ursinho pequenininho, e amo esse ursinho, porque assim... É última lembrança que eu tenho do meu pai, então assim, eu amo esse ursinho e não deixo ninguém pegar nele. (DISCENTE N, 2019)

Para complementar a fala da discente N, abaixo pode-se observar o urso conforme sua perspectiva:

Figura K – Relatos da turma – O ursinho



Fonte: Arquivo da autora. Registrada em 03 de junho de 2019.

Nota-se que a discente N desenhou cuidadosamente o ursinho, o qual lembrava seu falecido pai, e mesmo sendo uma memória dolorosa, ela encontrou uma forma de lembrar de seu pai e seguir frente. A fala da discente abre espaço para afirmar que não há um só modelo de infância, e que nem todos passam por a infância da mesma forma. Há sempre marcas que são únicas na vida de cada criança.

Cada discente relatou uma ou mais memórias de suas infâncias. Embora tenha havido vários relatos semelhantes e brincadeiras em comum, notou-se que cada sujeito presente na oficina tem sua própria história. Influenciado ou não pelo seu meio, cada discente carrega em seus corpos sentimentos e memórias pessoais.

Segundo Estés, (2018)

O corpo é um ser multilíngue. Ele fala através da cor e da temperatura, do rubor do reconhecimento, do brilho do amor, das cinzas da dor, do calor da excitação, da frieza da falta de convicção. Ele fala através do seu bailado ínfimo e constante, às vezes oscilante, às vezes agitado, às vezes trêmulo. Ele fala com o salto do coração, a queda do ânimo, o vazio no centro e com a esperança que cresce. (p. 230)

Através do comportamento corporal e de suas expressões, os discentes manifestaram seus interesses durante a oficina. Os corpos falaram acerca de seus sentimentos, expressaram suas intenções e compartilharam memórias através de gestos e ações.

Ao findar o segundo e último dia da oficina, pedimos novamente que os discentes expressassem, através de produção livre, o que desejassem. Notei que além de escritas foi desenhado em sua maioria, o objeto trazido para a oficina, como urso, boneca. Para se despedir da turma, lemos um trecho do livro *O Pequeno Príncipe* (1995, p. 87),

As pessoas veem as estrelas de maneiras diferentes. Para uns, que viajam, as estrelas são guias. Para outros, são apenas pequenas luzes. Para os que são sábios, elas serão problema. Para os empresários, elas serão ouro. Mas todas essas estrelas estão em silêncio. Tu, só tu, terás as estrelas como ninguém mais terá [...] Tu ficarás contente por haver me conhecido. Tu serás sempre meu amigo.

Inicialmente, apesar de o primeiro contato já ter acontecido, suspeitei que o tempo de uma parte da oficina para a outra atrapalharia a segurança dos alunos em relação a nós. Porém, de início se pode notar que a turma estava mais aberta, animada e participativa que o primeiro dia. Embora ainda tímida para exposições, a turma apresentava maiores sinais de participação. A recepção foi mais calorosa, os discentes demonstravam empolgação e disposição para a oficina, bem como para interagir com a gente em todo o momento da oficina.

O espaço utilizado no segundo dia da oficina, por ser menor que o primeiro e ser uma sala de aula comum, nos forçou a controlar a agitação e o barulho da turma para não atrapalhar as aulas que aconteciam ao lado. Assim, a liberdade do segundo dia foi menor em relação ao primeiro, o que não impediu de as memórias dos discentes serem despertadas.

Acredito que além do fato de já nos conhecermos, o ambiente do segundo dia também foi responsável pela agitação da turma, já que a aproximação física se tornou maior. As cadeiras em círculos proporcionavam maior interação entre a turma e mesmo se os alunos se posicionassem distantes, se podia ouvir facilmente a fala do outro.

Até mesmo durante a gravação a agitação do segundo dia em relação ao primeiro ficou mais exposta, visto que algumas falas não puderam ser identificadas por conta da agitação do restante da turma. Mesmo o tempo de duração do dia 27 de maio e do dia 03 de junho ser o mesmo, o segundo dia aparentou passar mais rápido, o tempo de hesitação da turma para participar da oficina foram menores o que deixou a noite mais preenchida.

Para fazer a análise dos acontecimentos dos dois encontros utilizei inicialmente as gravações feitas durante as duas noites da oficina. De início apenas ouvi os dois dias da

oficina “Corpo e Memória:” buscando reviver o momento em busca das memórias que despertadas junto aos alunos.

Como não filmamos toda a oficina, procurei me recolocar nos acontecimentos, assim enquanto o áudio avançava eu procurava me lembrar das reações físicas de cada aluno. Obviamente não consegui relembrar os gestos dos 43 alunos presentes, mas consegui com clareza recordar as reações da maioria.

Depois de ouvir todo o áudio, iniciei o processo de transcrição das falas do primeiro dia e posteriormente, do segundo. Pude observar ainda que algumas falas ficaram subentendidas devido à distância do gravador e do barulho eufórico que ocorria durante algumas falas.

Em algumas atividades, não foi possível compreender todas as falas. A primeira atividade da segunda noite, por exemplo, os discentes ficaram bastante empolgados e conversavam em grupos entre eles, assim, no momento da análise da atividade se fez necessário utilizar do curto vídeo gravado, para poder ver as expressões de cada aluno.

Por fim, fiz uso das produções feitas pelas alunas ao final de cada oficina. Mapeei em uma tabela, a idade e cidade de cada uma, depois digitalizei as atividades realizadas ao fim das duas noites, procurando associar o escrito/desenhado com cada momento da oficina.

Durante o processo de análise, me dei conta da quantidade significativa de memórias semelhantes que foram despertadas durante a oficina, por isso se fez necessário a leitura acerca de infância e memória coletiva, pois os momentos em que as memórias coincidiram foram constantes nos dois dias da oficina. Quando um discente manifestava sua lembrança, sempre havia quem compartilhasse da mesma memória e isso ocorreu durante as duas noites da oficina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em toda sua vida, o sujeito está em processo de construção de suas memórias. No corpo, ficam inscritas de forma subjetiva as lembranças adquiridas no decorrer de sua vida. A formação do sujeito no mundo se dá através de sua vivência e das pessoas que estão ao seu redor. Desde nossa infância, somos cercados por grupos que nos ensinam a seguir seus costumes, gostos e aprendizados. Não quero dizer com isso que não temos autonomia para fazer nossas escolhas, ou que estamos destinados a ser iguais às pessoas do nosso meio. Quero dizer que no decorrer de nossa vida, temos a tendência de nos apropriarmos dos traços do outro.

Essa afirmação fica clara quando retomo a oficina, no momento em que várias vezes foram citados costumes das famílias dos discentes, em que afirmam-se que alguns desses hábitos persistem até os dias de hoje, em sua vida adulta. Com o tempo, porém, nos distanciamos de alguns desses hábitos. Esse afastamento ocorre com o descobrimento de novos interesses, onde procuramos então nos aproximar de pessoas que possuem os mesmos desejos que nós.

Durante a oficina “Corpo e Memória: Suas Manifestações na Formação Docente” ficou claro como as lembranças da infância estão presentes em nós, mesmo que não continuemos com os mesmos costumes. Não precisou de muito para que os discentes se recordassem da sua vida na infância. Mesmo reclusos durante as falas, notou-se que cada atividade despertou nos discentes memórias que outrora julgamos esquecidas.

Nesta pesquisa, buscou-se observar o comportamento dos corpos dos discentes, bem como despertar suas memórias. A disposição dos corpos durante as atividades demonstravam o nível de interesse de cada um. Alguns alunos demonstravam empolgação e participavam ativamente das atividades, outros, embora estivesse evidente o interesse se mostravam mais reclusos, por vergonha ou opção em não participar.

O presente trabalho buscou também deixar claro que as memórias de nossa infância estão inscritas em nós e basta um pequeno incentivo para que sejam despertadas. Quanto às memórias coletivas, a própria oficina “Corpo e Memória: Suas Manifestações na Formação Docente” proporcionou que fosse observada sua presença, durante as atividades realizadas ficaram claras as brincadeiras, desenhos e costumes que a turma tem em comum.

Os resultados da oficina “Corpo e Memória: Suas Manifestações na Formação Docente” mostram como o olhar em direção ao corpo pode interferir em nossas ações, bem como a alteração do ambiente motiva o comportamento de cada um. Nosso corpo deve ser

visto como respostas a quem somos e para além do físico, carrega memórias que interferem em nossa formação como sujeitos no mundo.

A discussão acerca de infância, memória e corpo faz-se necessária, visto que durante sua vida profissional o docente lidará com as diferentes manifestações das memórias, que estarão inscritas nos corpos dos alunos. O entendimento de que a infância permanece em nossas vidas ainda que acreditemos ter deixado essa fase no passado, faz-se necessário para que a criança passe a ser vista por os futuros docentes a partir de sua história pessoal e social.

Quanto à discussão sobre o corpo, é necessário compreender que trabalhar o corpo em aula dará liberdade ao aluno de se expressar e se comportar naturalmente. Se desde a infância, nas aulas, os docentes incentivarem a liberdade corporal dos alunos e toda sua manifestação, resultará em corpos menos reprimidos e mais expressivos.

Sabe-se que é comum ainda na graduação e na vida, as pessoas temerem participar de debates, interagindo com o público. Mesmo em atividades que tenham a finalidade de expressão corporal como dança e/ou teatro, há uma resistência por parte dos alunos em participar, contar suas histórias.

Desta maneira, a perspectiva de corporeidade como recurso utilizado pelo docente para o desenvolvimento pessoal e social dos alunos, deve ser trabalhada desde a formação docente para que, posteriormente seja intensificada nas aulas a expressão corporal dos alunos.

Trabalhar o corpo e a memória a partir da perspectiva da infância possibilita além de uma maior compreensão das expressões corporais dos discentes, a conexão entre professor e aluno, dentro da sala de aula e para além desta com os demais sujeitos da sociedade.

Assim, finalizo o presente trabalho com o desejo de que as memórias sejam vistas como escrituras nos corpos dos sujeitos, sendo suas ações o reflexo de tudo o que foi vivido durante sua vida. Que sempre retomemos a infância para nos lembrarmos da criança que fomos. E que professores e alunos possam trabalhar o corpo como peça fundamental para a construção dos sujeitos no âmbito pessoal e social, dando-lhe a oportunidade de expressar-se livremente.

Referências

- ARIÈS, Philippe, A746H **História social da criança e da família**, 2^a. ed. Phelippe Ariès: tradução Dora Flaksman – 2^a. ed. – Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BARBOSA, M. R., MATOS, P. M., & COSTA, M. E. (2011). Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade**, 23(1), 24-34.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem / Clarissa Pinkola Estés; tradução de Waldéa Barcellos. – 1^a ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 2018.
- FONTELLES, M. J.; SIMÕES, M. G.; FARIAS, S. H.; FONTELLES, R. G. S. **Metodologia da Pesquisa Científica**: Diretrizes para Elaboração de um Protocolo de Pesquisa. 2009. 8 f. Núcleo de Bioestatística Aplicado à Pesquisa da Universidade da Amazônia - UNAMA. Belém, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63 Mar./Abr. 1995.
- HALBWACHS, Maurice, 1877-1945. **A memória coletiva** / Maurice Halbwachs; Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003. 224p.
- KOHAN, Walter Omar. **Infância. Entre a Educação e a Filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- KOHAN, Walter Omar. **Visões de filosofia**: infância. ALEA | Rio de Janeiro | vol. 17/2 | p. 216-226 | jul-dez 2015. 216.
- NARANJO, Javier.; SABATIER, Lara.; **Casa das estrelas**: o universo pelo olhar das crianças. Tradução de Carla Branco. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. 144-p.
- O REI leão. Produção de Don Hahn. Estados Unidos: Disney, 1994. 1 fita de vídeo (89 min), VHS, son., color.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de, 1900-1944. **O pequeno príncipe** / Antoine de Saint-Exupéry [tradução Isolina Bresolin Vianna]. – São Paulo: Caminho Suava, 2015.
- ZANELLA, Andrisa Kemel. **Escrituras do Corpo Bibliográfico e suas contribuições para a Educação**: um estudo a partir do Imaginário e da Memória. 2013. 218f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME E RELATOS PARA PESQUISA ACADÊMICA****Dados do/a entrevistado/a:**

Nome: _____

Nacionalidade: _____

Idade: _____

Estado civil: _____

Residência: _____

Cidade: _____ UF.: _____

Eu, _____ autorizo o uso de imagens e relatos concedidos para o trabalho de pesquisa "Corpo, Arte e Memória: Suas Manifestações na Formação Docente", orientado pela professora Dra. Roselusia Teresa de Moraes Oliveira, desenvolvido, em parceria com a Universidade Federal de Sergipe, podendo estes serem divulgados em artigos, trabalhos e outras publicações do meio acadêmico. A autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso acima mencionado em atividades acadêmicas e sem fins lucrativos. Por esta ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso descrito sem que nada haja a ser reclamado a títulos de direitos conexos a meu nome, materiais ou imagens ou a qualquer outro e, assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

DATA:

APÊNDICE B – Roteiro de atividades da

Oficina “Corpo e Memória: Suas Manifestações na Formação Docente”

Atividades da oficina

✓ Primeiro dia

Apresentação da oficina, através de uma roda de conversa, na qual os convidados se apresentem.

Apresentação:

Nome;

Período;

Idade;

O que entendem de corpo, qual sua função na formação docente?

Para o docente em formação é importante conhecer o seu corpo?

O corpo influencia no desenvolvimento da aprendizagem?

Uma memória marcante de infância.

Música “O corpo” de Paulinho Moska.

Objetivo: Descontrair e desenvolvermos o movimento corporal onde cada discente se apresentará da forma, postura, posição que desejar.

Desenvolvimento de um jogo: Revivendo uma lembrança

Objetivo: Ajudar os discentes a reconhecer a vastidão e a possibilidade de uma experiência passada.

Descrição: Todo grupo permanece sentado e vamos passando por cada um, com um instrumento que recordem o cheiro, as cores, sons, paladar, despertando neles as lembranças de algum momento das suas vidas.

Debate sobre o que eles conseguiram recordar e se conseguiram, como foi a experiência vivida?

Conseguiram resgatar o passado para o presente?

Registro manual escrito ou desenhado, expressando sobre o que representou a noite de hoje.

AVISO: Trazer uma foto ou algum objeto que queiram e retomem a memória deles.

✓ Segundo dia

Música “Xote da alegria” de Falamansa e banda, para iniciar com descontração. Faremos uma roda para que todos se movimentem livremente e passaremos entre eles tocando-os com as

nossas mãos perfumadas, com objetivo de desenvolver o toque corporal entre todos e que o cheiro possa provocar ou despertar alguma lembrança.

Roda de conversa sobre o que sentiram durante o momento anterior, em seguida apresentação da próxima atividade que consistirá em relatar, apresentar a lembrança proporcionada pelo objeto trazido, conforme foi pedido no dia anterior. A atividade tem como objetivo relembrar de momentos que marcaram positivamente ou negativamente a trajetória de vida deles, fazendo com que eles conheçam mais um pouco sobre si e sobre as memórias que seu corpo carrega.

Produção de um desenho expressando os sentimentos vivenciados durante as duas noites, com objetivo de analisarmos a expressividade deles através dos desenhos.

Roda de conversa debatendo sobre as experiências vividas, os desenhos produzidos na noite, o que foi despertado nesses momentos, será que conhecer do corpo é significativo para formação docente.

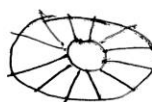
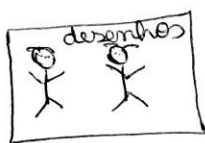
Finalizando com um pequeno texto ou mensagem a ser escolhido.

ANEXO A

Jaciara Santos Menezes.

Gostei muito da aula de hoje como trabalhar o corpo, diferente da aula de Educação e corporalidade que frequente na terça-feira na qual trabalha texto que fal de corpo, acho os textos muito complexos na qual eles falam sobre o corpo físico relacionado com a alma, o que era correto de como usar o mesmo e como não usar.

achei o método ótimo para trabalhar com pessoas de forma em geral, principalmente com crianças pois elas conseguem fazer relação dos objetos com os acontecimentos tanto os bons e ruins e fatos que os mais velhos passam para nós. Sei utilizar esse método para vida toda. Muito bem recordar as fotos dos desenhos animados, lembrei que acordava sete da manhã e só parava doze horas para tomar banho, almeçar para ir à escola.



Solo muito goste

Muito obrigada por essa experiência incrível. Amei.

ANEXO B



ANEXO C

Infância

Ai, como é bom
 lembrar da infância
 Infância que ainda
 não passou ...
 Sempre será vista
 Com muita importância.

minha infância querida
 amigos que desconectei
 Ficaram nas lembranças
 perdidas
 mas que jamais serão
 esquecidas ...

Mariny Mendonça

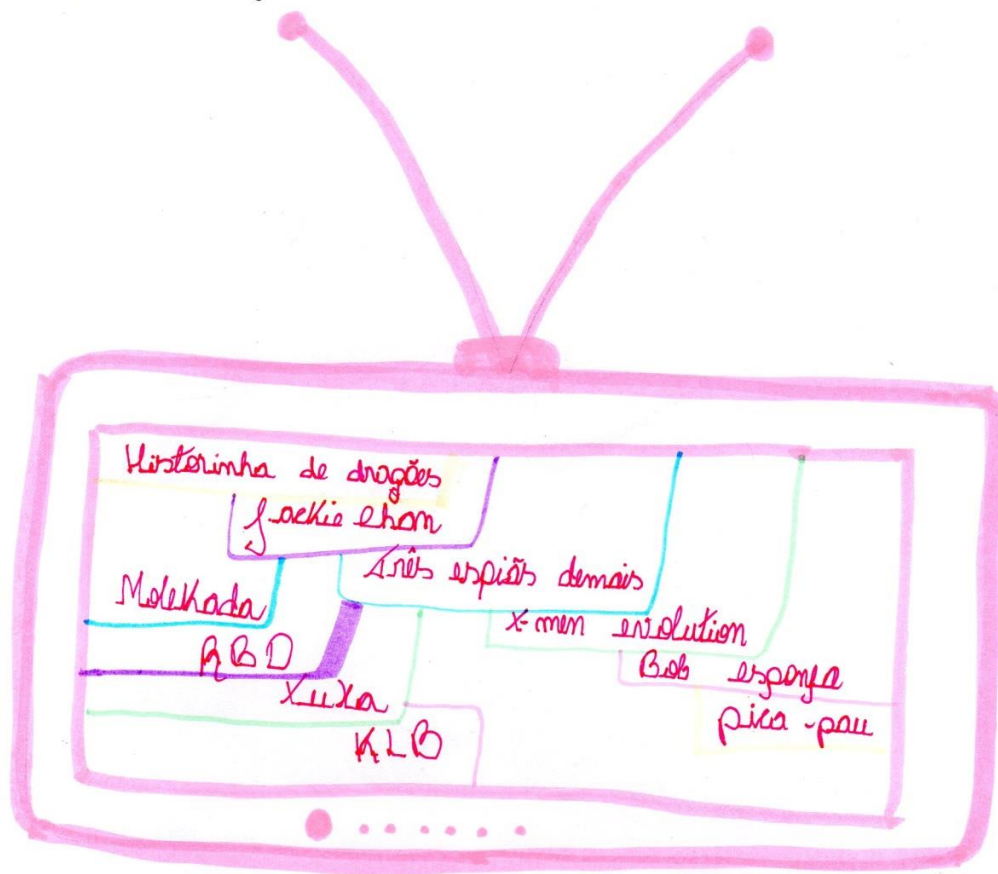
27/05/2019

“Há duas épocas na vida, infância e
 velhice, em que a felicidade está
 numa caixa de bombons.”

Carlos Drummond de Andrade

ANEXO E

Helôisa Santos Nunes.



tu reens,
tu reens,
eu já

lolala e! bolachão

ANEXOF

Ylhammy Costa Santos

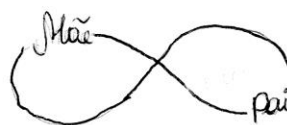
Momentos em que passava
a manhã em casa sozinha
assistindo desenhos e tomando
leiteinho, enquanto meus
pais iam trabalhar.



"As imagens dos desenhos me fez
recordar uma parte de minha
história que para sempre irei lembrar"



A aula de hoje me trouxe
lembranças que vivi com
minha família e que jamais
serão esquecidas...



ANEXO G

Para Santos de Jesus

O encontro de hoje foi muito especial e enriquecedor, podemos compartilhar das nossas histórias de vida principalmente da nossa infância. Desde o começo de cada um até os desenhos com que na festa de experiências podemos e quanto está tudo na mesma maneira. Todos nesse aprendizado e situações especiais para nós.

Casa da Avó



ANEXO H

A noite de hoje foi muito especial, e especial. Achei extremamente importante a parte na qual nos levantamos para movimentar o nosso corpo, as lentecâmeras foram ativas desde a partida da comida; depois de almoçarmos, quando com o livro. Acreditamos que as fotos das desenhos animados foi algo muito proveitoso, foi que toda criança assiste a desenhos, ou seja, nossa memória se voltou completamente para nossas vivências na infância. Enfim, foi uma noite bastante diferente a que tenho certeza que despertou inúmeros sentimentos bons, mas não em mim, mas tenho certeza que na turma inteira.

Karissa Andreia Santos

ANEXO I

CUBA DE VES

Relutante, Incompreendido, por vezes, não aceite. O corpo ainda é um Tabu na sociedade, e transcendê-lo é sempre uma tarefa deusas complexa e demorada, possuindo um corpo "educado", a gente deixa de permitir-se muitos prazeres, com medo do olhar alheio, e considero de extrema importância a aplicação dessas oficinas, para a quebra de rotulos já pré definidos na infância. Parabéns a coragem e leveza das ministrantes que sabermos conduzir com maestria, essa noite, que um futuro possamos falar abertamente com nossos corpos e corpos alheios, sem armadilhas e sem prisões.

ANEXO J

Ne puedo = r-mingy-

Pro claudia dragu soto

A noite de hoje me trouxe muitas recordações
de minha infância e hoje, essas lembranças trouxeram
e têm sentimentos bons e muita saudade, lembrei
dos amigos de infância, dos meus avós, da minha
vó falecida, quando um na casa dela e tinha doce
de leite, lembro do meu avô contando histórias, lembro
dos jogos infantis, dos amigos, dos professores das aulas
enfim poderia passar horas revivendo as lembranças aqui
porque realmente uma lembrança ~~me~~ leva a outro. ~~me~~
acredito que essa experiência tenha sido marcante para todos
não só pelas recordações, que para uns são boas, para outros
são tristes porque lembram de pessoas amadas que já não se encontram
mais, mas para grande maioria as recordações foram boas e
despertaram reflexões de quem fomos, de quem ~~nos tornamos~~ somos
e de quem nos tornaremos. ~~f. t.~~

Pro claudia dragu soto

ANEXO K

→ Emilly Sousa da Carvalho, - Pedagogia 14: Ruicido

27.05.2019

→ A experiência de hoje foi muito interessante e enriquecedora, pois, nos fiz perceber que a partir do corpo podemos demonstrar senti-mentos e pensamentos, semo também recordar memórias, sendo esta muito influenciada pelas ações do corpo.

→ Por mais das atividades realizadas pode perceber a partir mais atenção e quanto é importante tudo que está ao nosso redor quando estamos fazendo algo que possa ficar na nossa memória de longo prazo, pois cada detalhe faz a diferença no momento que a lembrança ocorre.

ANEXO L

with Muriel Costa Roque



ANEXO M

O regime desta noite foi bastante interessante e proveitosa, pela
a atividade proposta em forma de jogo sobre os nossos memórias
da infância nos fez recordar bons momentos da mesma e
compartilhar de um mesmo sentimento que foi a saudade de
tantos saízes bons que vivemos.

Ana Maria de Oliveira Santos

ANEXO N

O corpo tem cinquenta braços
 ninguém vê porque só uma das almas
 O corpo é um grande objeto
 ninguém sente porque não dá sentido



Meu corpo sabe que não é dele
 Tudo aquilo que não pode tocar
 Mas meu corpo quer ser igual àquela
 Que por sua vez também já está
 cansado de não mudar



Meu corpo vai quebrar as formas
 Se libertar das muralhas da prisão
 Meu corpo vai queimar as normas
 E flutuar no espaço sem razão

Meu corpo nasce, e depois morre
 E tudo isso é culpa de um corpo
 Mas meu corpo não pode mais ser assim
 É tão lento que ficou após sua queda



ANEXO O

ente: Merielle dos Santos Silva.

Recordação, emoção, conversação

Durante a música sentimos a vibração.

Memórias revividas apenas com a imaginação

O alimento fortalece o corpo e também a alma

O tripé no bloco reuni as famílias

É o café... aquece o coração, que gestosa sensação

Como é bom sonhar, viver e reviver

É a cada novo dia, algo novo aprender

Oh gloriosa lembrança que me permite sentir

I que em um belo dia, pude desfrutar.

ANEXO P

Karine dos Santos Alves.

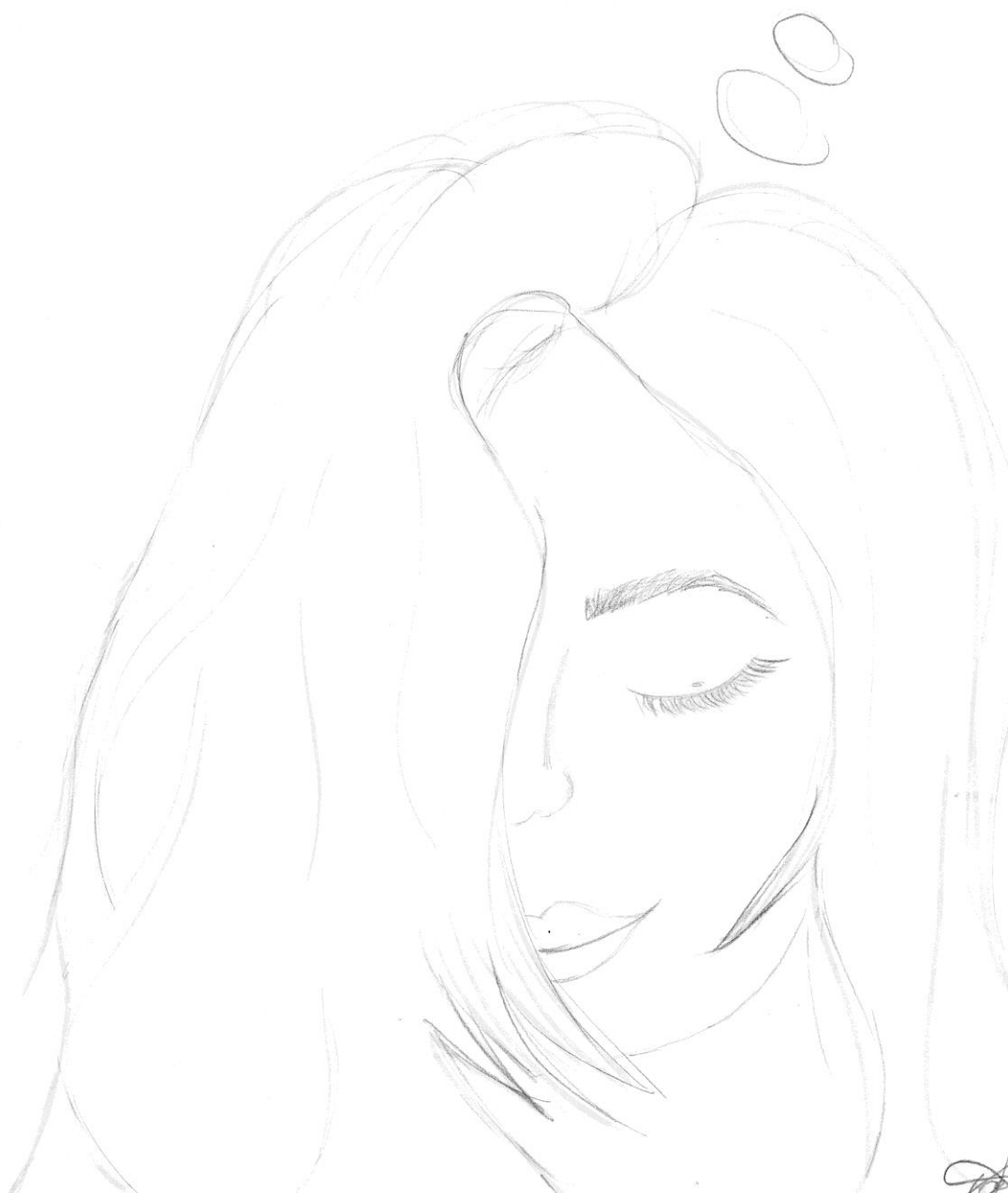
Viver é lembrar do Passado
 Da goiabada do intervalo,
 E do cheiro de café coado.
 Lembrar te liberta
 Troz de volta. Serises,
 Das tardes do colégio,
 Do bom e velho amigo.
 Pra hoje nos susta viver.
 Acreditar que tudo passou,
 Mas que lá no fundo,
 Nada mudou!

A morte de hoje foi bastante produtiva e me fez voltar a infância, proporcionando reviver aqueles ~~que~~ momentos que por alguma razão estão trançados dentro do nosso interior, mas que a muito tempo proporcionaram grande euforia.

ANEXO Q

Togo das memórias das antigas memórias as grandes
armas da esperança e tiremos das doces
lembranças a matéria-prima para novas
histórias!

Maria Carolina Venturini



ANEXO R

A mãe de hoje foi muito protetora, além de cuidar mais sobre o amor como o amor ao corpo e a mente, muito funcionam a partir de determinações acidentais, e das dores que nos causam e mostram a nossa vida, principalmente na questão do amor desarmadilha e nas relações com outros seres, de como também de nos desarmar de esta forma a partir da vida de outos.

As lembranças que vivem por mais das experiências durante as encontros foram muitos. E muitos delas do tempo de criança, a alegria de lembrar meus brinquedos, os meus irmãos quando pequenos. O café não poderia ser diferente me lembram o café da minha mãe, aquela café torrada feita em casa, e com eu e meus primos ajudando. E os docinhos que foram muito marcante até hoje pois ainda fazem parte dos meus dias.

Amalguia do Silva Alves

27.05-2019

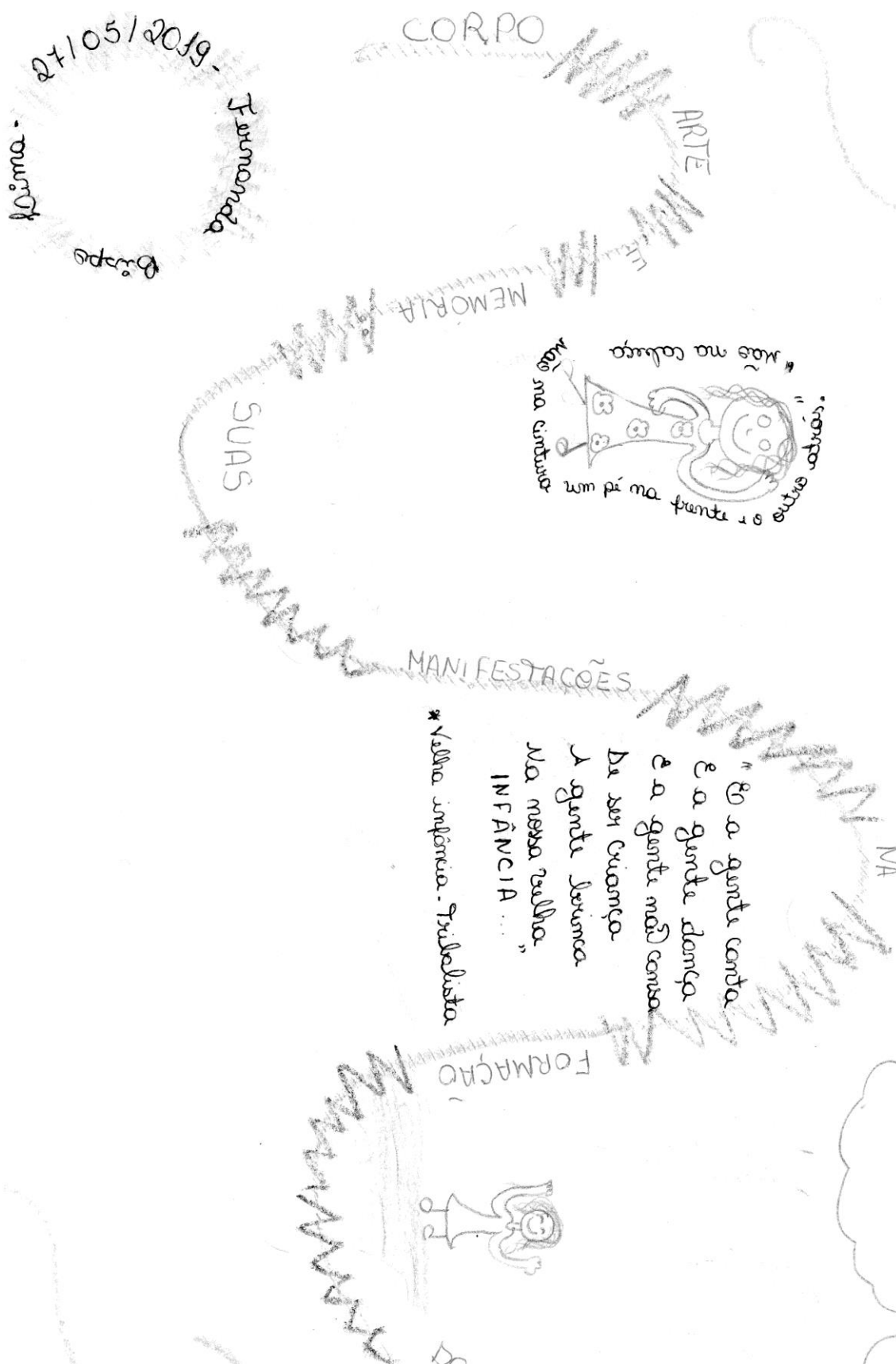
ANEXO S

A aula Iref foi um momento para
azer a memória, coisas que ~~hoje~~ fazer
rote da minha formação enquanto
er humano. Expressar de sentimento,
num misto de alegria e tristeza, de
euforia, mas também de serenidade.
As lembranças são partes do eu, e
constitui a nova subjetividade, que
traz como resultado simplesmente eu.

Sonia R. Melo

27/05/2019

ANEXO T



ANEXO U



Deixe um sinal
de alegria por
onde passar!

Existem inúmeras coisas que me fazem lembrar da minha infância e assistir desenhos todos os dias quando eu chegava do colégio e todos saíam pela manhã, me marca muito, porque foi um "ritual" da minha infância. Quando entrávamos de férias eu e minha prima passávamos esse tempo sempre juntas, brincávamos de boneca, de fazer comida, pular corda, e também passávamos alguns dias na casa da avó, no interior e era maravilhoso. Enfim essas são algumas das minhas melhores memórias.

Russa Andrade Santos

Jeane Santos de Jesus.

Uma das minhas lembranças favoritas da minha infância era que todos os sábados eu acordava bem cedo para assistir a TV globinho os desenhos das 3 espíãs demais entre outros.

Também lembro que todos as tardes que ia para casa da minha vovó reunia-se com meus tios e brincávamos de pega pega e de bucho de se esconder e no final sempre procurávamos uma árvore pra subir e comer as frutas.

Acabei esquecendo de trazer meu objeto, mas uma das coisas que mais me recordo em minha infância eram os jogos de queimado na escola e ir jogar futebol com meus primos e tias no campo do meu padrinho.

Os melhores dias de ir para o campo jogar era quando o dia estava chuvoso. A chuva caía e nós continuávamos a brincar no campo, todo mundo ficava cheio de lama. Quando o jogo acabava todos nós íamos correndo para uma fonte próxima e ficávamos pulando na água barrenta.

Chugava em casa pingando e feliz. Com os cabelos duros e a pele brizenta, porém radiante por ter me divertido tanto.

Quando fui crescendo esses momentos foram se tornando raros. Lembro-me que até mais ou menos meus quinze anos brincava bastante...

Kelly Nayanne.



Aline Mendes de Barros Santana



Ana Maria de Oliveira Santos

Maria Gabrielly Ties Jendama

A aula do dia ~~(03)~~ 03/06/2019, mas fiz revisitar momentos que talvez estivessem bem escondidos na memória, dessa forma foi possível lembrar um pouco dos memórias dos colegas de classe, como também ~~os~~ ~~minhas memórias~~ relatar minhas memórias.

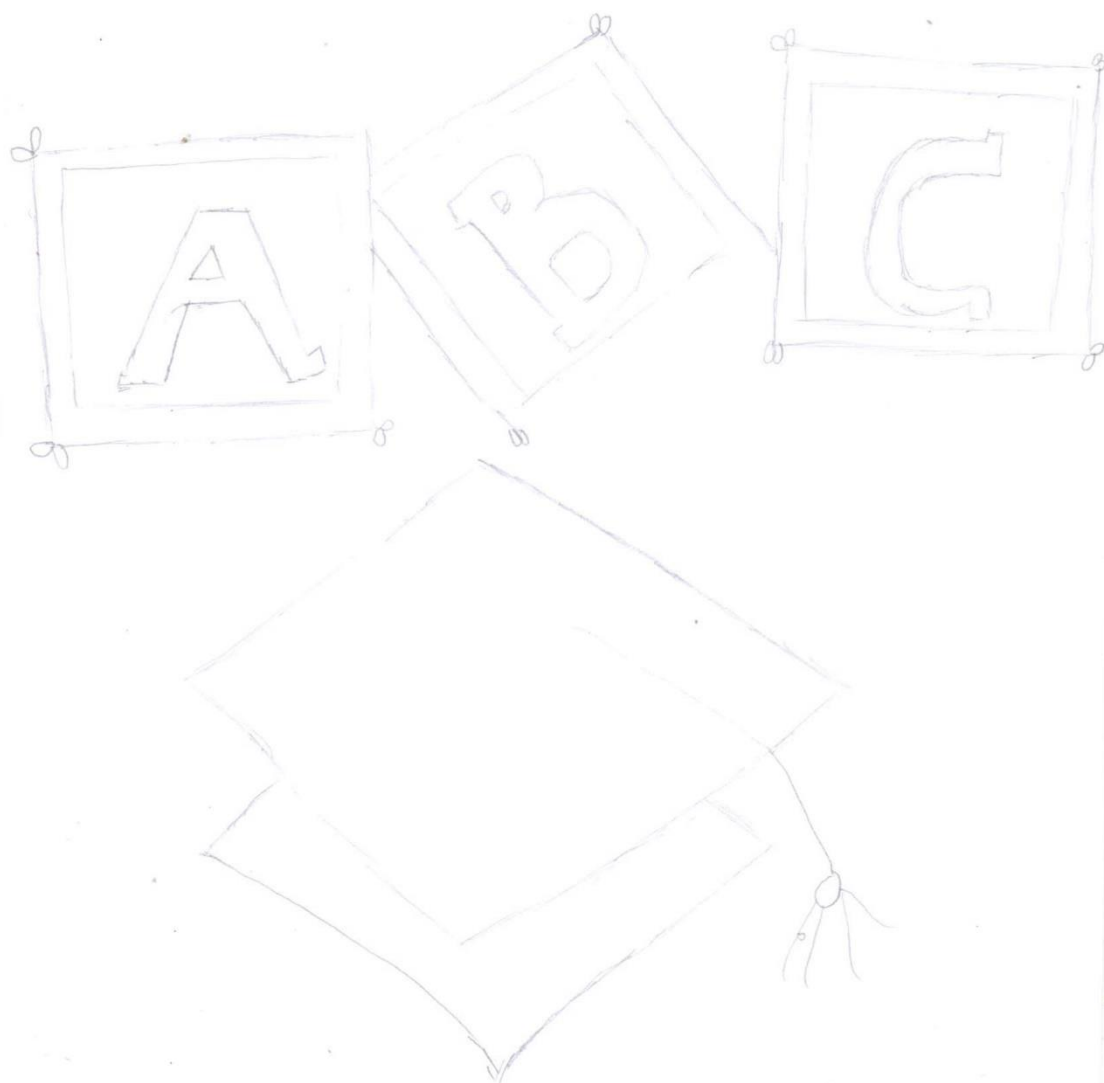
Lembrei-me das noites em que eu, meus irmãos e vizinhos íamos por frente de nossa casa, a rua era quase sem movimento de carros, e brincadeiras de "toda" brincadeiras que existiam naquele tempo. Era uma época muito boa. Queimado, pega-pega, amarelinha, elástico, eram alguns exemplos das brincadeiras da época.

Hoje percebe que diferentemente das crianças do mundo atual, eu tive infância. Foram tantos momentos bons, inclusive as desenhos eram diferentes dos atuais, eram realmente para crianças. Bob Esponja, Três Espiões, ou seja, as desenhos que passavam na TV Globo. Essas programações marcaram a infância de muita gente, inclusive a minha infância.

Milena Alves Santos

Formatura

de



Minha infância hoje, não posso dizer com alegria, vive minha infância inteira todo ao lado do meu avô, muita alegria, divertimento, lanchinhos escondidos, e como todos os dias minha rotina era ser manicure dele, o que eu não fazia com muito gosto, mais que mim fez muito feliz, sempre convivia com ele, acordava dormia, histórias assustadoras com meus irmãos.

Hoje eu sei como tudo isso mim ~~foz~~ falta, acordo todos os dias, e ver minha avó chorando pelos lanchinhos, sei que não tem como eu substituir ele, no lado dela, e ver ela sofrer e muito duro pra mim.

Minha avó completa 40 anos que nos deixou, e hoje eu sei que eu poderia ter vivido muito mais ~~anos~~ coisas que eu reclamava um tempo, mais que hoje eu sinto muito falta, ainda acredito, no meio do noite chorando, com a falta que não tenho nem palavras pra dizer tudo isso, o quanto sinto com a ausência dele.

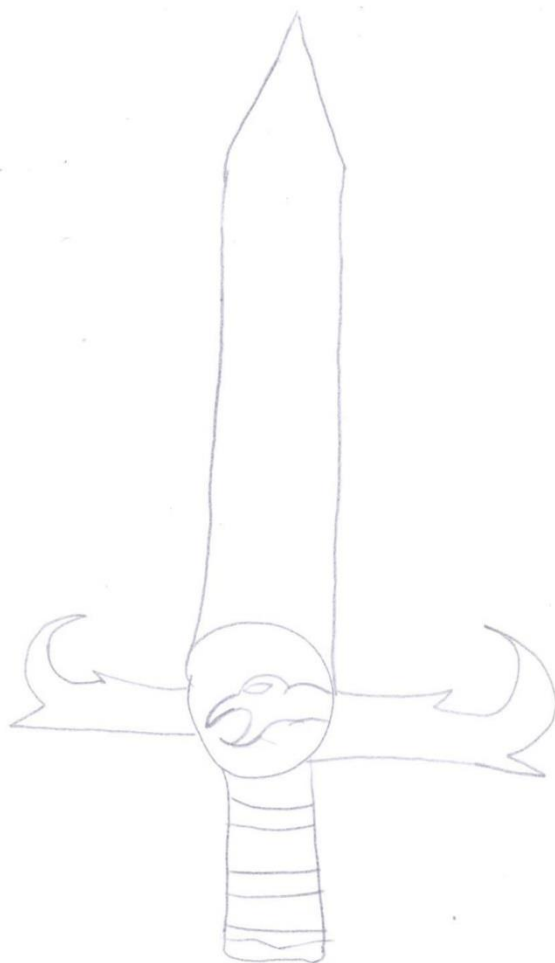
Então a frase que hoje mim marca é:

Ver valor enquanto você tem a Pissada do seu lado.

+ 04.06

Conrado.

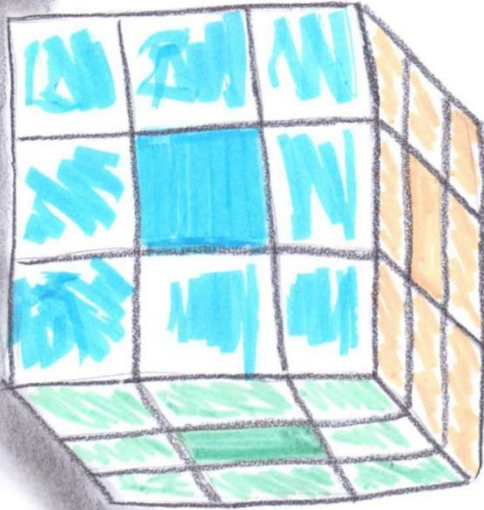




THUNDER
CATS



Eu sou uma menina
 que não consegue montar
 meu cubo mágico do jeito
 tradicional... Não desisti, Eu
 o desmontei e o recomb-
 i tudo, com as cores em seus
 devidos lugares. Uma
 bruxa sempre acha um
 jeito de se divertir! ☺



Flávia Caroline Lenôncio

Flávia

ANEXO AH

Nayane Selen Mendonça.

As lembranças que escolhi me levam de volta para os passeios que fazia e levava comigo uma caixinha com um cadeado. Nela eu guardava pequenos brinquedos que amava e carregava sempre comigo.

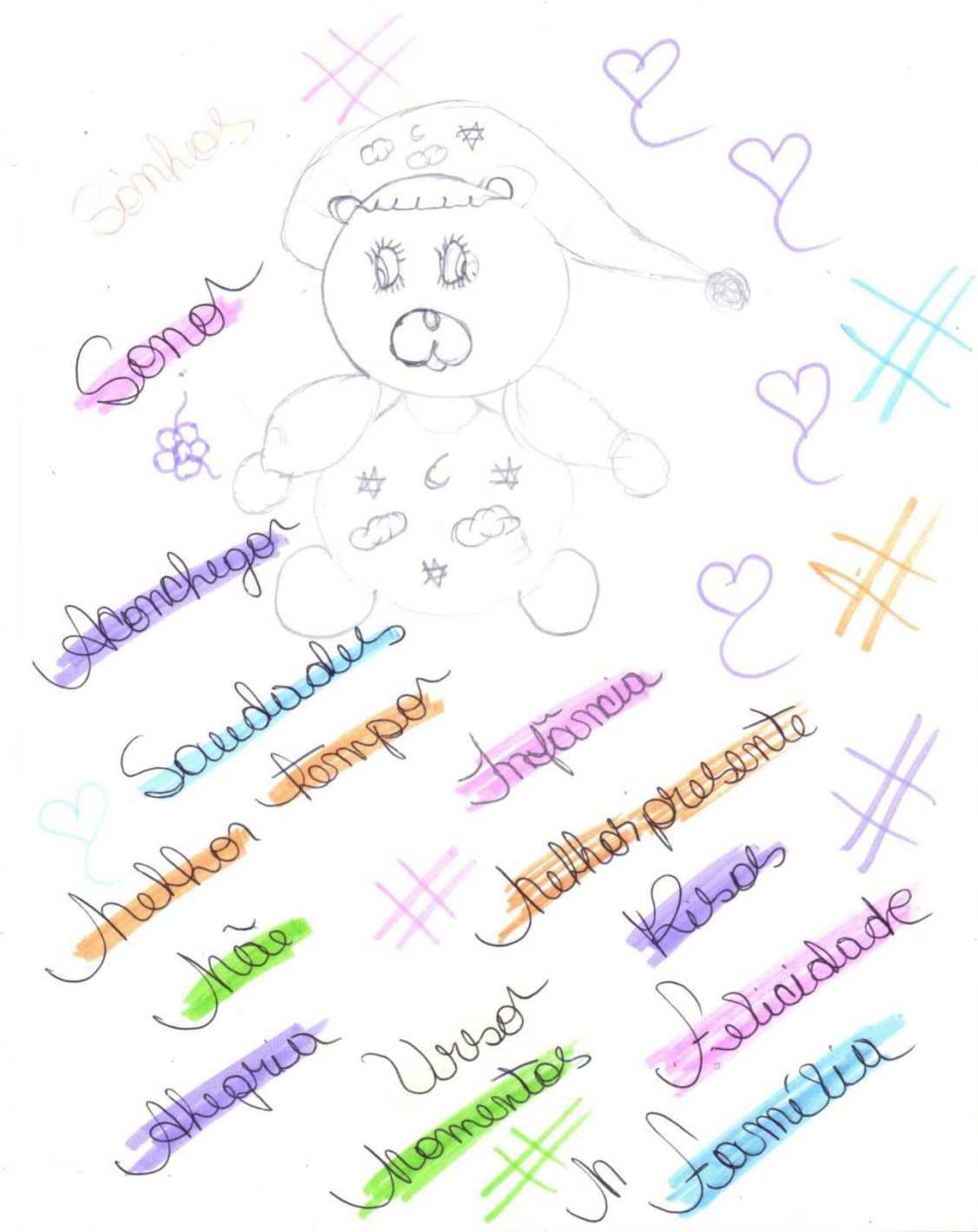
Trouxe, também, o cofre que guardava todo o dinheiro que ganhava dos meus avós e tios. Sempre juntava o máximo de dinheiro possível até o fim do ano para comprar meu próprio presente de natal.

Além disso, bolinhas de gude, que sempre colecionei.



ANEXO AI

Karoline Nascimento Rodrigues



De acordo com as fotos que trouxe nessa aula, foi para retratar sobre a minha infância. Fotos que vivenciei momentos incriveis e de muita felicidade... Como eu queria poder viver tudo isso novamente, momentos únicos que a simplicidade nos mostra que pra ser feliz não precisamos de muito. A inocência e o sorriso no rosto relata uma infância vivida da melhor maneira e o brilho nos olhos, boas lembranças que infelizmente não voltam, porém os registros nos dá a felicidade de voltar no tempo.

Um momento nos faz refletir sobre o quanto a vida é uma dádiva que devemos apreciar a cada dia da melhor maneira. E que o tempo está passando então só nos resta aproveitar o que ele oferece.

Gratidão por "ontem"
por hoje
e pelo futuro! ♥ +

Paula

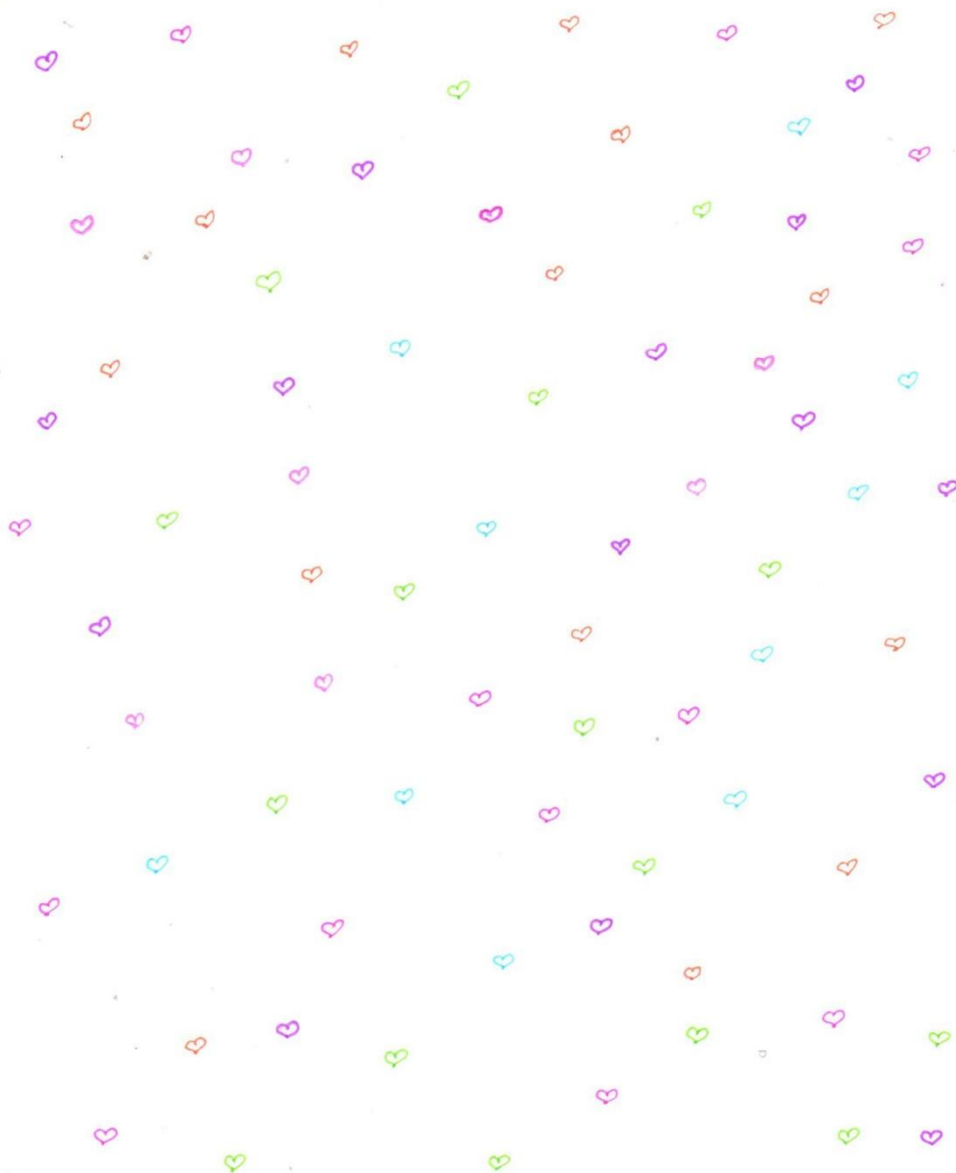


Eu amava brincar
com esse tipo de
boneca, era meu
brinquedo favorito,
meu e de minha
irmã.

Maring Mendonça
03/06/2019

Sasmin de Souza Oliveira

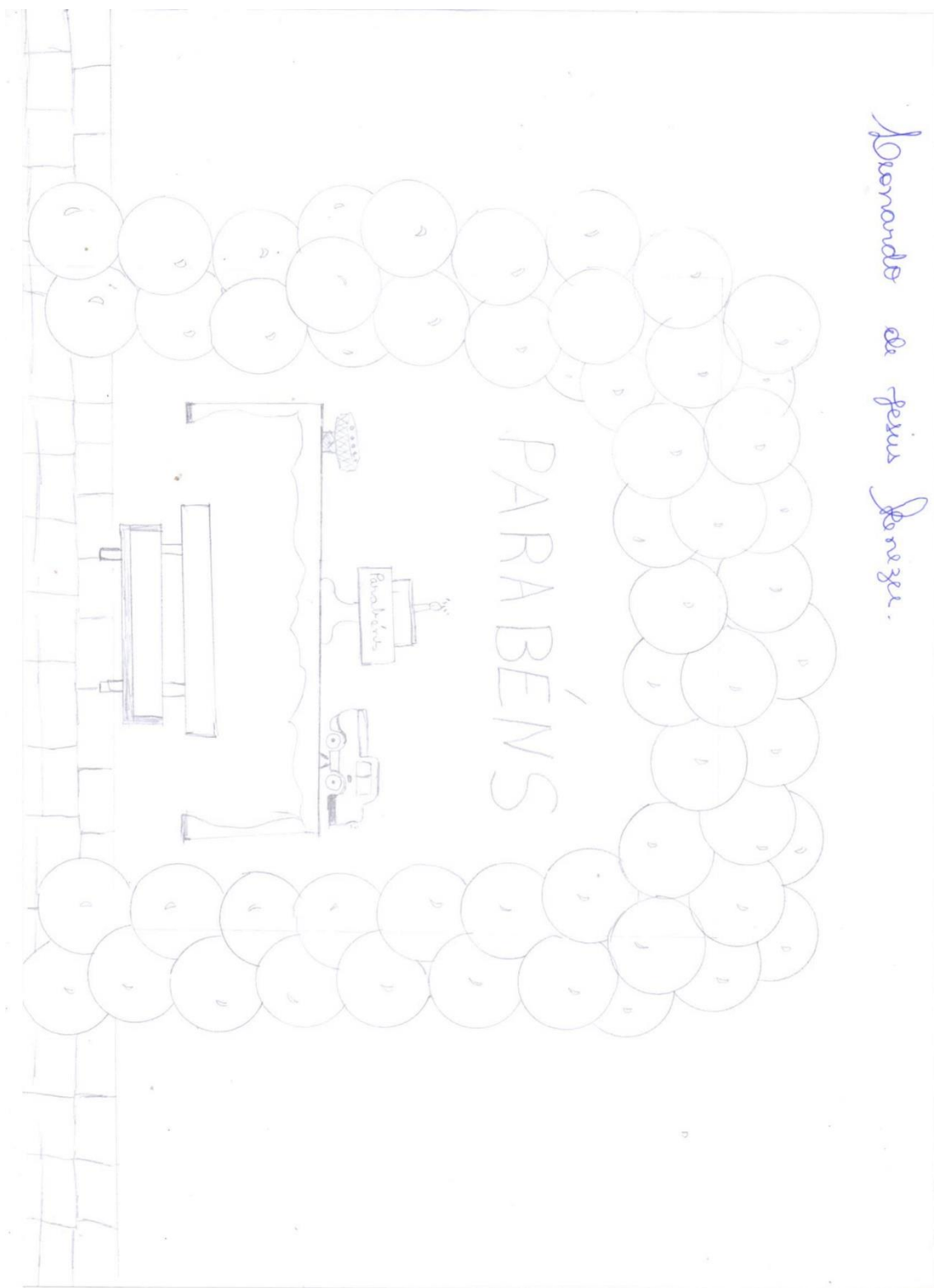
Eu trouxe uma foto da minha família, por ela significa muito para mim. Sempre que olho pra ela sinto-me muito agradecida por Deus, por ter aqui na Terra pessoas que são para mim meu lugar pedaleto de aconchego e paz.



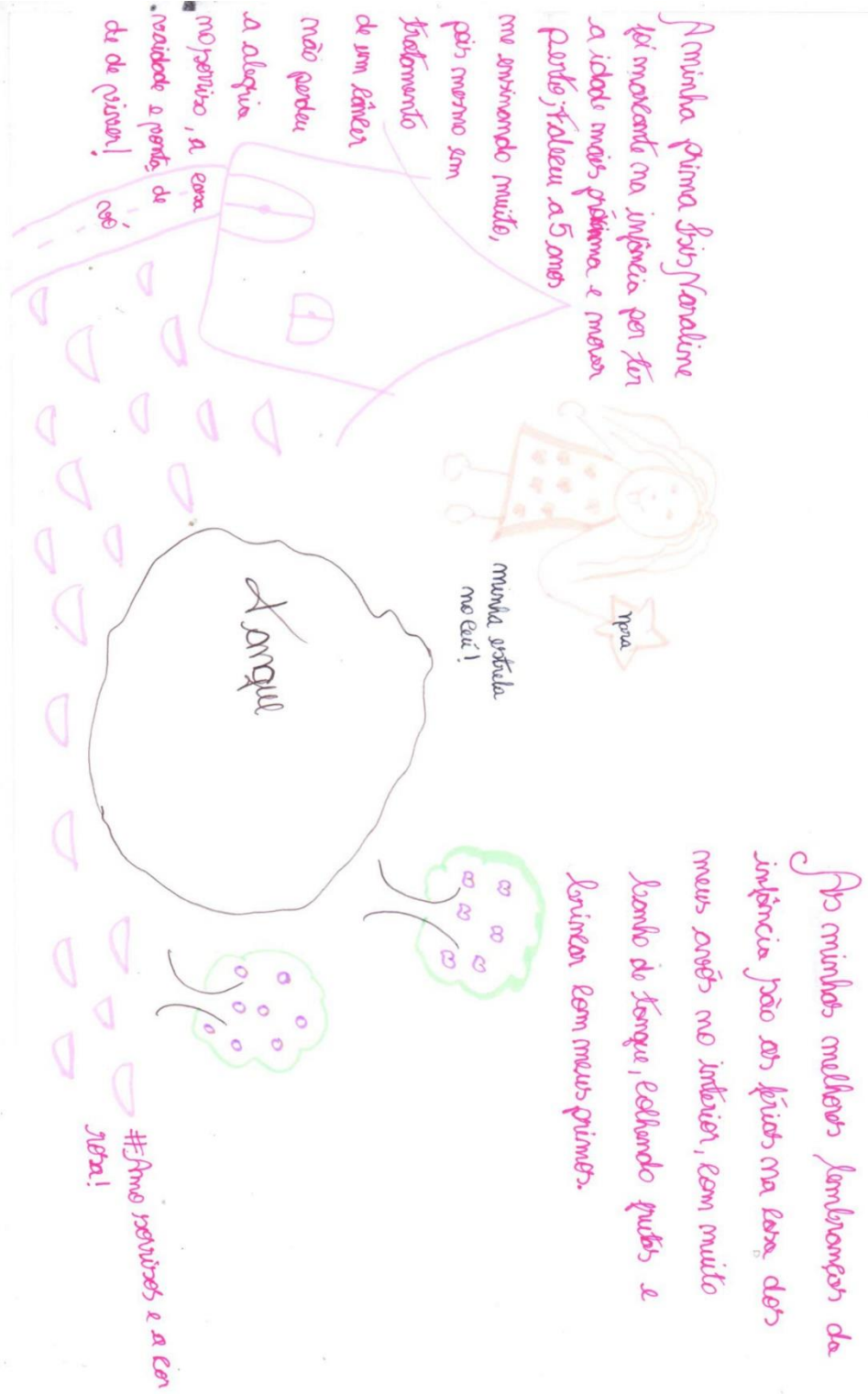
Maria da Conceição Santos Glendonça

Adorei lembrar a infância quando ainda tinha contato com meus primos, as brincadeiras de queimada elástico e quando reunia só as meninas para fazer grupos de dança, (dizendo que nós eramos dançarinas da banda). Vestindo saia para balancear mais, e assim passava a tarde até o anoitecer. Pena que se perdeu a amizade entre nós. Mais de bom ficaram as lembranças.

Parabéns de seus filhos.



Helena adiantos Nunes.



Emily Jordânia de Sousa Jôres



Esta imagem relembra parte de minha infância
por sempre que passava sem desmatar, ali na
escola, era o desenho que sempre fazia...
desenhos simples em especial com muitas folhas
representando-me o jardim da casa.

Dayane Bonfim da Silva



O vestido que eu trouxe é um dos vários que tenho guardado, muito importante pois me traz sempre a lembrança da minha avó, já que eram feitos a partir das sobras dos tecidos que eram feitos os vestidos dela. É um meio a tantas netas eu me sinto e me sinto muito privilegiada por ter sido a única que ela fez isso.

Eu tenho muito amor por ela, principalmente depois que ela partiu (a 13 anos) e eu era a pessoa que estava sentada na cama ao lado dela quando ela se foi em 03 de abril de 2006, um sábado, às 12:00 horas.

Isso eu nunca vou esquecer, e eu escolhi trazer esse objeto justamente pelo valor que tem, o sentimento de amor dela para comigo e a saudade que sinto dela diariamente.

Minha bolsinha, não vou desenhá-la como sou pessima em desenhar, mas ela também é de grande valor por me recordar uma pessoa muito especial, minha prima (Lassiane) (nequinha, como chamavamos), ela cuidava de mim. Como sempre muito carinhosa e dedicada com todos, infelizmente faleceu aos 13 anos vítima de problema renal, a doença foi tratada, mas não se obteve sucesso. Esses e essa vivência da aula de hoje me proporcionaram um misto de emoções e sensações...

Minha Infância

Na minha infância
quando morava no interior
cidade de Pedro Plazenda
que quando com muito amor.

No passado em que morava
tudo isto tinha brinadeira
a bola de gude era uma delas
que fazia muito barulho.

No quintal de casa
o terreno que mãe varria
era cheio de buracos
que eu e os amigos fazia.

Os amigos choravam de tanta
o barulho tocado no corpo
pela de-cadeas
e um grande barulho no peito.

Quando o dia amanhecia
em plena segunda-feira
o tempo era o destino
quando manhã no primeiro.

Revivendo estas memórias
podemos perceber
e quanto podemos de felizes
com o que podemos ter.

Um simples biscoito no dia
uma simples bola de gude
mas com pessoas importantes
tudo isso era bastante.

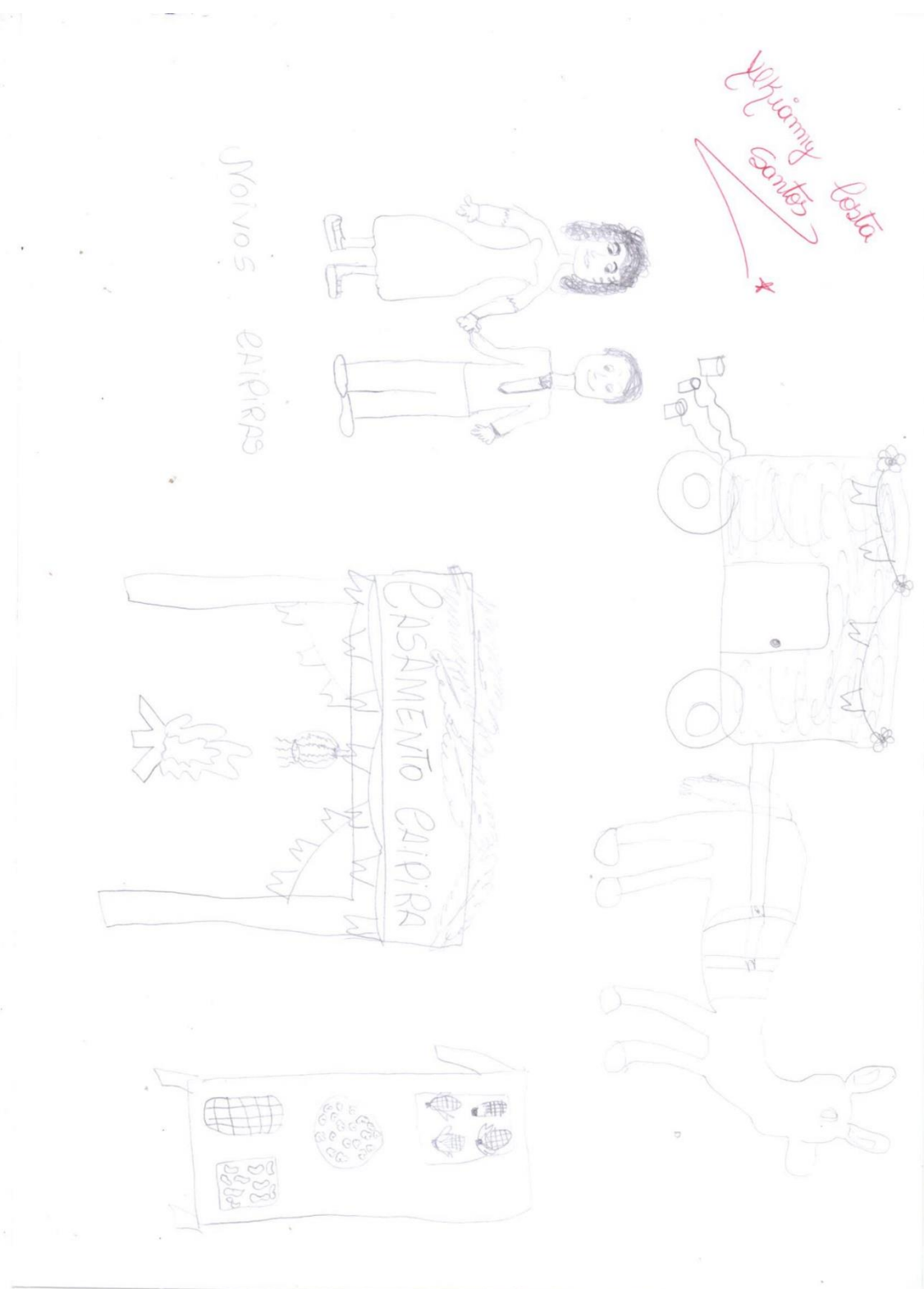
Por isso, não reclamo de tudo
agradecer aquilo que eu tenho
era cada segundo
com o simples que eu tenho.

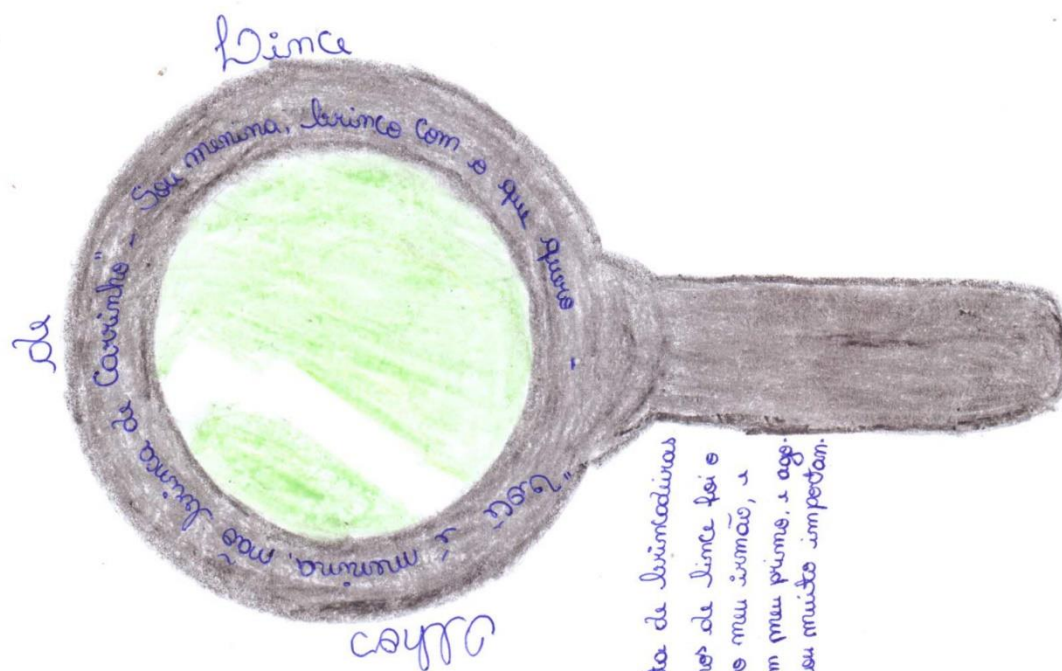
Reviva sua infância
isso faz bem para o ser
ser criança e ser feliz
e como é bom a infância viver.

Ruiz Ger. de Souza

• São tantas as lembranças que poderia passar horas a fio contando, mas relembrá-las é um momento único, de teriver o que não volta mais, de matar a saudade daqueles que partiram. É simples realmente encanta, lembro-me das brincadeiras no sítio dos meus avós, os passeios com o meu Tio predileto, que faleceu, as vezes que minha mãe me acentou e me pôs para dormir com ela. Os aprendizados que pude tercher nesses 24 anos de vida, foram os mais intensos e bem vividos, sou grata por todos eles, pois me fizeram quem sou. Vamos desguar por tudo que vale a pena enquanto há tempo.

Aluna → Eloah de Jesus





Minha infância foi repleta de brincadeiras de diversos tipos, mas Olhos de Lince foi o único que pude passar para o meu irmão, e por ter memórias lindas com meu primo, e agora com meu irmão, se tornou muito importante.

Fernanda B Lima
03/06/19

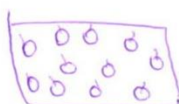
Jaciara Santo Menezes

Trouxe uma bolsinha porta moeda, quando eu ia para feira com os avós e o troco de moeda era para minha bolsinha. Também cordei dos meus aniversários que minha prima asseparava a vela comigo e sempre queria os mesmos presentes e brinquedos.

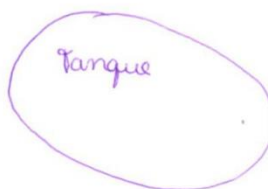
Através dos relatos dos meus colegas lembrei dos banhos no tanque e ritos de meu bisavô, adorava pois reunia todos os primos para banho e a festa de São João que amanhecíamos e dia dançando.



bolsinha de moedas.



bole com unhas em cima.



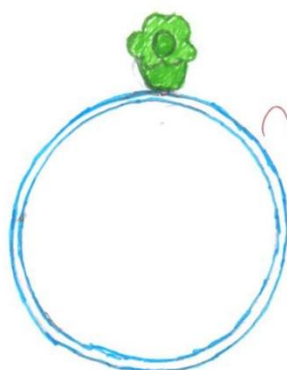
Representação dos primos.



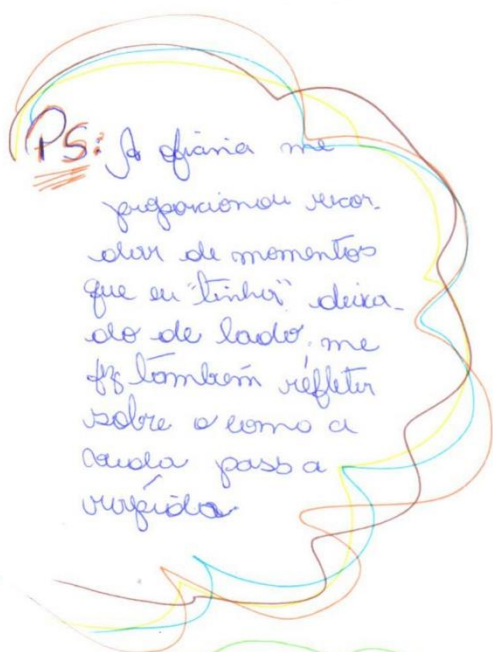
Representação das minhas bonecas.



casa da Vó



Essa pulseira
me lembra muito
dos meus primos.
Uns de vida (infância)
e ela me recorda os
anos de flor que eu
gostava muito de usar;



PS: A filha me
proporcionou recor-
clar de momentos
que eu "tinha" de lado, me
fiz também refletir
sobre o como a
vida passa rápido



Essa bolinha
me lembra dos la-
linhas de quide que
eu costumava brincar
com os meus primos.

Mirlha Muri
Costa Roque

Jandra Alves dos Santos.



Boneca, represento meu principal brinquedo da infância. Muito bom lembrar! (da coleção de brinquedos, confecção das roupas, brincadeira com os primos.)

As lembranças
que tenho do rei meu
amigo, não morrem!
Obrigada Pai ❤️



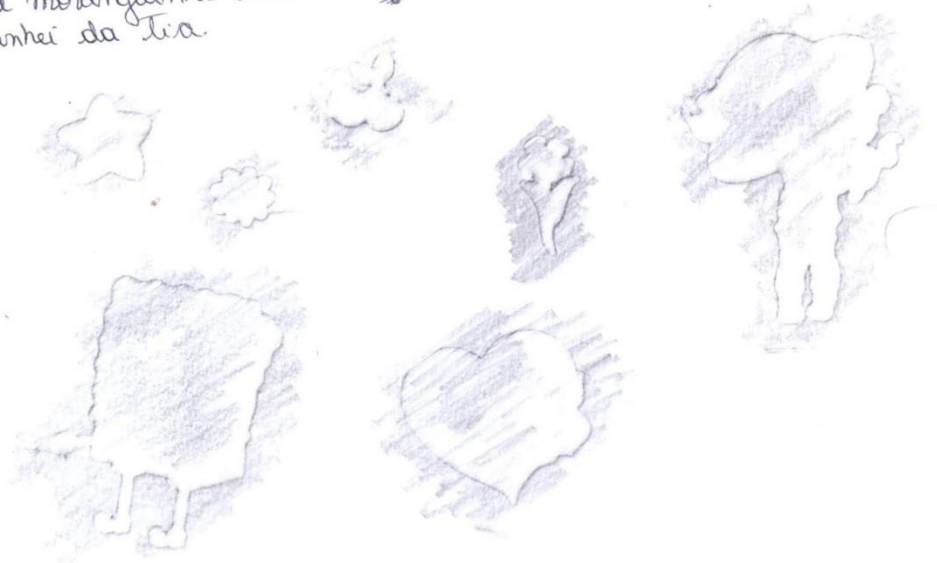
Maria Beatriz dos Santos Rezende

03/06/2019

→ Emily Juss de Carvalho.

03.06.19

→ (A partir do objeto da minha infância que trouxe, que foi algumas cartelas de adesivos, em que as colecionava. Além das cartelas que comprava aleatoriamente dos desenhos ~~que~~ animados que gostava, também guardava as cartelas dos cadernos, e estas me recordam de uma situação na escola, onde eu tirava as figurinhas com minhas amigas ou as vendia. E a por meio da cartela da moranguinho recebi ~~que~~ da casinha de brinquedo dela que ganhei da Tia.



Samara Oliveira Santos / Pedagogia - 4º período

03/06/19

Hoje eu trouxe um ursinho que ganhei da minha tia/madrinha. Ele me traz boas lembranças da minha infância, da casa onde morava, dos momentos com meus irmãos, de quando eu tinha mudado recentemente de cidade e não morava eu, minha mãe, meus irmãos e esta tia, e meu pai tinha ficado na cidade anterior trabalhando, vindo só alguns meses depois. Foi um presente de dia das crianças, ele usava o Rei netos e levilhava as bichinhas na caçulinha. Sempre que eu o olho sinto a mesma sensação e vejo coisas boas.



Marielle dos Santos Silva. 03/06/2019

Desenho do meu vestido de quadrilha, de 2018



Karellyne Marais da Silva

Muito de vivências, experiências e recordações de r
nias que ficaram registradas em minha infância
adolescência; além de muito aprendizado através
discussões que ocorreram. ~~Foram~~ Oficine e mais a
nossa descentralizada, diferente e cheia de aprend

Thaírona Miquita dos Santos CH² período de pedagogia)

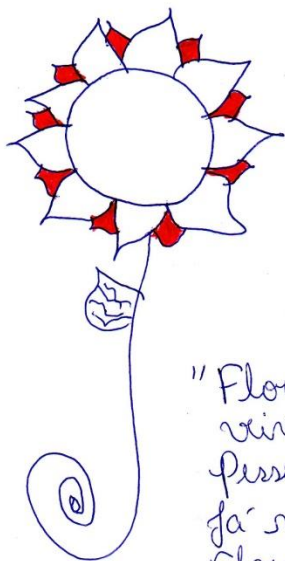
É Para realizar mais parte das coisas que de
fomos, precisamos recuperar a noção da infância
Precisamos recuperar o lugar que há dentro de nós
fozra falar o tempo de que sentindo realmente
em nós mesmos, podemos ultrapassar qualquer fronteira
(Augusto Branco)

A viráncia da aula de hoje foi um momento muito especial, trabalhamos as recordações da infância. Achei interessante lembrar das brincadeiras, os desenhos que ^{nos} fiz e de até querer reviver os personagens preferidos, dos músicos que gostava, da coleção de figurinhas, o cheiro do famoso alfozema que toda mãe gosta de comprar e ninguém esquece o cheirinho, além disso o sabor do café em pó do arco. Enfim, é importante sempre recordar esses fatos, pois na correria de dia a dia, ~~as~~ lembramos dos problemas e esquecemos das coisas que nos fizeram bem.

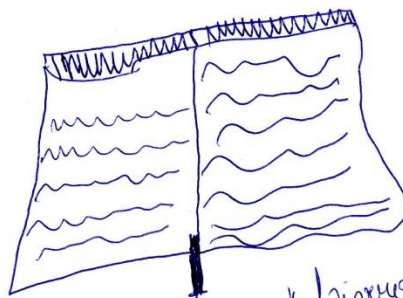


As três espíãs demais
su marca, e era a Som!

É muito bom retornar memórias da infância, trazendo conosco o pedacinho de cada momento único que vivemos, sendo através de fotos, desenhos, música etc e em saber que tudo isso constitui para somos o adulto de hoje.



"Flors são flors
vixos num fardim
Pessoas são boas
já maxem assim
Flors são flors
colhidos sem dó
Por alguém que ama
E não quer ficar só."



"Lixos não mudam
mundo,
quem muda o mundo
são as pessoas.
Os lixos só mudam
os pessoas."

* Mario Quintana

* Lazuga

Rafaela Lima

Já escrevo sobre isto, tempo e memória, que escrevo na
 do dia 27-05-2019, tracei para mim algumas lembranças da
 infância, das crianças que assisti, dos meus avós e das minhas
 lembranças com meus amigos. Além disso, a escrita me fez refletir
 sobre o tempo, que através do tempo podemos transmitir uma
 parte de quem somos aos nossos filhos, e como ~~podemos~~ podemos
 aprender transmitir as melhores memórias e valores para meus
 alunos.

ANEXO AAH

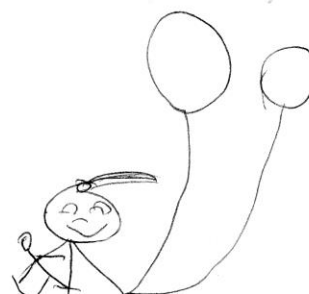
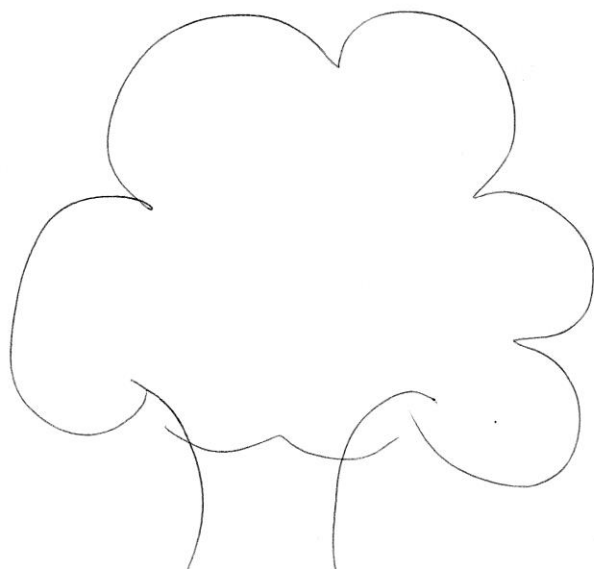
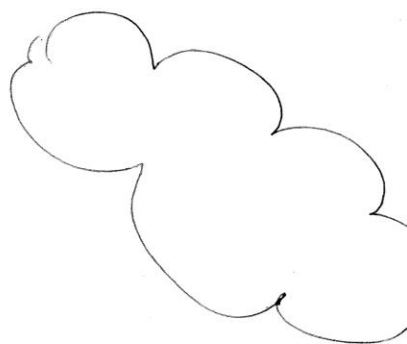
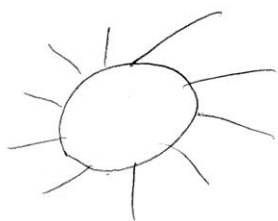
muito interiores. Forças lombrianas
aos, e desportos já mais diferentes.

Existem momentos que duram segundos,
mas deixam lembranças para toda vida.
(Auto desconhecido)

ANEXO AAI

Recordar é viver. Desta forma nessa aula foram apresentados elementos que fez com que nos recorda-se a nossa infância, levar do-nos a uma viagem maravilhosa, desde o cafezinho fresco da vovó, aos desenhos aninados de todos os manhãs.

Maria Naiane Noremento Almeida



ANEXO AAJ

Maria da conceição santos Mendonça



ANEXO AAK

Maria Gabrielly Teles Mendonça.

✕
Essa noite, 27 de maio de 2019, foi marcada por relevantes acontecimentos a respeito do corpo, suas expressões, assim como momentos de nostalgia. Além também de proporcionar certas desloca-
mentos no tocante o corpo e a formação decente.

As ministrantes, trouxeram a música O Corpo, do cantor Paulinho Moska, sendo possível através dela perceber o quanto estamos preocupados com a realça do outro, com seus fulgamentos, com sua atuação. Diante disso, certos comportamentos nossos, muitas vezes, diz respeito ao que o outro quer ver de nós.

Além disso, as canções, os cheiros e as figuras das desenhos, prezados por elas, assim como os relatos das alunas, me fizeram voltar ao tempo de infância, reviver tantos bons momentos, recordar tantas coisas boas, lembrar de muitas pessoas que fizeram parte desses momentos. São infinitos momentos, guardados na memória, que foram relembrados nessa noite, que me geram sentimentos de alegria e de alguma forma querer voltar aquele tempo.

Logo, é possível através do corpo e da memória, trabalhar infinitos momentos em sala de aula, com nossos futuros alunos, apresentando nossas memórias e por que não construir outros.

ANEXO AAL

A vivência de hoje me possibilitou recordar momentos da infância, não só momentos, mas também cheiros, sabores, músicas, brincadeiras entre outras coisas que com o tempo fica armazenado em nossas memórias e só quando paramos e temos um momento que nos faça pensar e refletir que essas vivências são lembradas.

Foi maravilhoso lembrar o cheiro do café da minha vó, a sopa que sempre ela fazia, as músicas que meu avô cantava as noites que eu estava na casa dele e sem sono. Lembrei também das brincadeiras que minha mãe dava que eu só queria ir tomar banho e almoçar após assistir todos os desenhos da TV Globinho, SBT e cultura.

A infância é uma fase maravilhosa da vida onde vivemos sem o medo das críticas e dos julgamentos, mas é lamentável que nem todas as crianças tenham uma infância e possam vivenciar uma verdadeira infância sem estagios.

- Dayane Bonfim

ANEXO AAM

Maria Beatriz dos Santos Rezende

Estudante A.

O cheirinho de café, de leite, do perfume Alfozema, trouxe recordações maravilhosas que não quero esquecer. Poder relatar momentos assim, me enche de alegria e grandes emoções. Os desenhos emoldurados nos doam asas para voar de tanta imaginação, sentimentos bons que guardamos para a vida toda. As nossas experiências do passado, por mínimas que tenham sido elas, são de extrema importância para mostrar quem somos hoje. Somos resultados de tudo que foi vivemos, das pessoas que passaram pela nossa vida. Como é bom dizer... "isso fez parte da minha infância". :)



Caillou



Churupinha

entre outras
coisas!

22-05-10

ANEXO AAN

Marissa Hineses Jantos
Estudante B

A noite de hoje, dia 27/05/2019, foi de grande valia para mim, porque pude me proporcionar muitas recordações que até-
ntas estavam meio esquecidas, devido a correria do dia a dia que possuo, tal como o trabalho, a universidade, em fim tantas outras coisas. Como foi bom sentir o gosto do biscoito com goiabada, ~~eu~~ imediatamente lembrei que era um dos lanches da escola, como também um dos meus favoritos, só em vê-lo me lembrei na hora. E o cheiro da Alface? Ah, como é bom! Como me fez lembrar da minha infância, das minhas irmãs pequenas, Será um perfume que levarei comigo sempre. ~~foi~~ Foi muito bom ver as fotos dos desenhos, inclusive assistir a todos e como me fez lembrar de como era bom aquele tempo de criança, que infelizmente não volta mais. O movimento com o corpo foi muito legal também, pois quebra com aquele padrão de corpo quieto, parado. Para mim, como já mencionei no início, foi muito boa a experiência que vivi essa noite, com certeza quando professora iri levar para a sala de aula essa atividade. Não irei esquecer jamais...

||
☺

ANEXO AAO

Memórias de nós Estudante C

Se te posso tocar,
por que não te explorar?
Meu corpo, seu corpo.
Arte de ver,
sentir e falar.

Falar de mim
de ti, de nós.

Corpo que se transforma,
que encanta e se educa.
Corpo que se demonstra
e todo sentimento explana.

Explana de mim,
de ti, de nós.

Deixe meu corpo falar de mim,
falar por ti,
memórias de nós.

As letras, o corpo, o sentir o outro consequência
constante.

Aline Mendes de Farias Santana

ANEXO AAP

O corpo também educa

Agora podemos aprender
o quanto é bom interagir
de falar com as pessoas
e um abraço sentir.

Devemos aprender a entender
o sentido de educar
educar através do abraço
e em um simples tocar

O corpo deve ser tocado
Devemos nos descobrir
conhecendo a nós mesmos
para poder evoluir

Um professor é um exemplo
um exemplo a se seguir
se ele espalhar amor
amor irá surgir

por isso, abraçe mais

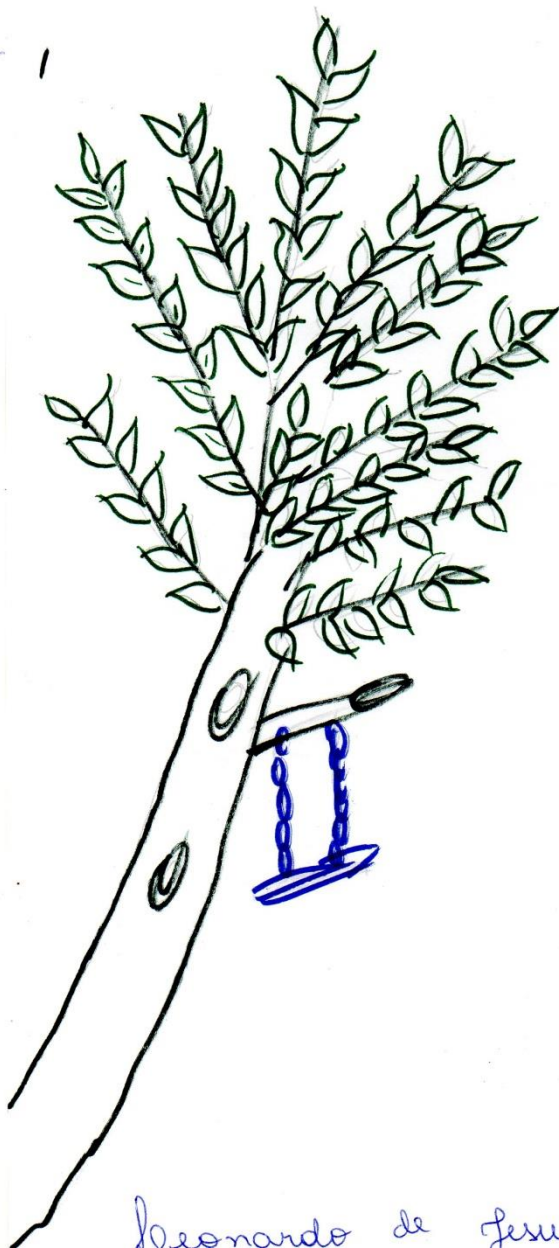
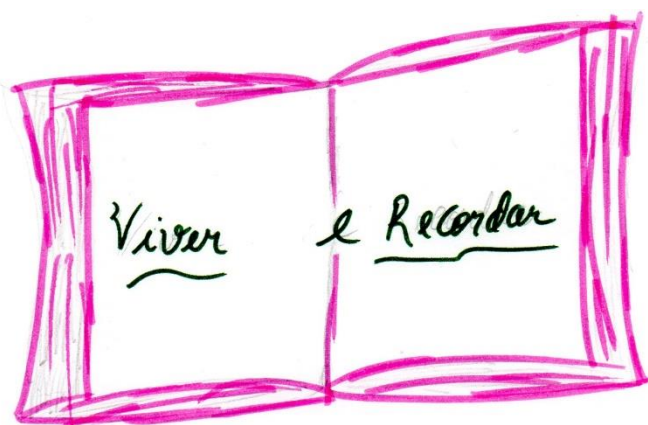
abraça tudo que quiser sentir
there, there, com o peito
e deixe o corpo fluir

movimente o seu corpo
e sua alma também
não se educa só com palavras,
pode ser com o corpo também

Ruon Góis.



ANEXO AAR



Vivendo vamos crescer
 Crescendo vamos viver
 Sabendo sobreviver
 descobrindo que é você
 Para um dia não esq

Nossas memórias e esere
 O importante é saber
 que a vida é mais boni
 Lembrando da nossa infn
 O progresso vai acontecer.

2

Leonardo de Jesus Senes.

ANEXO AAS

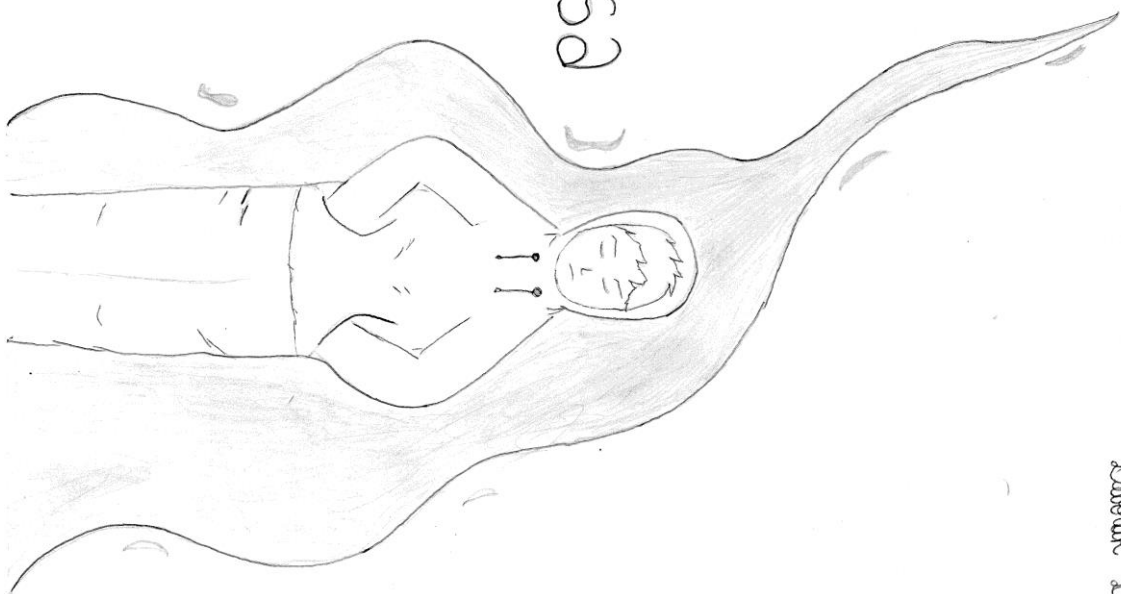


Gabriela de Jesus Almeida.

ANEXO AAT

Se VOCÊ
não se expressa
você adocece.

- @Xamalic05



Liberal Kama

ANEXO AAU

Estudante D

A noite de hoje foi fantástica, pois me permitiu recordar momentos marcantes da minha infância, que nostalgia... Há uma frase que é meio clichê, contudo, é a mais pura verdade, recordar é viver!

Somos seres históricos e tudo o que experimentamos em nossas vidas nos deixam profundas marcas, algumas muito boas, outras nem tanto. Nossas raízes estão firmadas, por isso, podem até ~~passar~~ podar a nossa "árvore da vida", no entanto, ela nunca morrerá.

Agradeço as meninas por nos proporcionar esse momento incrível, que, com toda certeza, contribuiu para a nossa formação não só profissional, mas também pessoal. ♥

Queria desenhar mas não sou muito boa nisso. KKK

Sarmin de Souza Oliveira

ANEXO AAW

Samara Oliveira Santos/Pedagogia/4º período 27-05-19

Este momento: de hoje foi bastante significativo, pois é sempre bom recordar as nossas vivências, relembrar momentos e épocas. Acredito que eu não fui a única que conseguiu reviver/recordar boas lembranças e sentir uma emoção. Hoje foi possível perceber também o quanto o nosso corpo fala/gesticula involuntariamente, basta ouvir um som que agrada, ouvir as músicas que foram reproduzidas, elas me causam uma boa sensação (principalmente "Luzes").

Foi simplesmente maravilhoso poder recordar minha infância e perceber o quanto aqueles momentos fazem falta numa vida corrida de hoje em dia.